**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

*Glauber West Ferreira*

# PRODUÇÃO DE FANZINE E CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÃO NO MOVIMENTO ANARCOPUNK NO BRASIL NOS ANOS 1990:

um estudo do Favo de Fel

Porto Alegre

2013

*Glauber West Ferreira*

# **PRODUÇÃO DE FANZINE E CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÃO NO MOVIMENTO ANARCOPUNK NO BRASIL NOS ANOS 1990**:

um estudo do Favo de Fel

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Diretora: Prof. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura
Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Chefe: Prof. Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
Coordenadora: Prof. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz
Coordenadora Substituta: Gloria Isabel Sattamini Ferreira

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

F383p Ferreira, Glauber West
Produção de fanzine e circulação de informação no Movimento anarcopunk no Brasil nos anos 1990: um estudo do Favo de Fel / Glauber West Ferreira. 2013.
f.
Orientador: Valdir José Morigi.

Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia. Porto Alegre, 2013.

1. Leitura. 2. Imprensa alternativa. 3. Contracultura. I. Morigi, Valdir José. II. Título.

CDU: 070.489

Catalogação: Glauber West Ferreira

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705,
Campus Saúde
Bairro Santana
Porto Alegre-RS
CEP 90035-007
Telefone: (51) 3308-5146
E-mail: fabico@ufrgs.br

*Glauber West Ferreira*

**PRODUÇÃO DE FANZINE E CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÃO NO MOVIMENTO ANARCOPUNK NO BRASIL NOS ANOS 1990**:

um estudo do Favo de Fel

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Data da aprovação: 18 de setembro de 2013

**BANCA EXAMINADORA**

_____

Prof. Dr. Valdir José Morigi (orientador)

_____

Profª. Drª.Lizete Dias de Oliveira

_____

Profª. Drª. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

*à bibliotecária Eglaé Maria Etges Lopes, pela competência e sensibilidade no trato com o próximo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha sogra Clélia pela hospitalidade e paciência na minha chegada ao Rio Grande do Sul.

À Daka pelos primeiros fanzines punks, pela troca de cartas, pela errância compartilhada nos primeiros dias de relacionamento e por tudo que a gente conseguiu e planeja alcançar juntos.

À bibliotecária Júlia Inês Junges Hamester pela jovialidade exemplar e pelo carinho.

À bibliotecária Nélia Elsa Pooch pelo profissionalismo e entusiasmo no ensino dos primeiros passos da catalogação.

À toda equipe da Biblioteca Gládis W. do Amaral, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, pelos ensinamentos e disponibilidade para educar seus bolsistas.

Ao bibliotecário Leonel Schardong pela amizade e por incentivar a reflexão em torno das práticas da profissão. À bibliotecária Celina Miranda pela impressão agradável deixada por seu refinamento no trato com os colegas e usuários da biblioteca.

Ao amigo André (Deco), pelas inúmeras provas de parceria!! À querida amiga Maíra pela irmandade em todos os semestres!

Aos professores Valdir José Morigi e Rodrigo Silva Caxias de Sousa pela competência no ensino da Biblioteconomia.

À professora Sônia Caregnato que, sem saber, renovou meu entusiasmo pelo curso.

Às pessoas que o Fábio tinha um carinho especial: Estranho, Daka, Gabriel (BH), um tal de Caos, Josimas, Rômulo (pelo que parece, trouxe a literatura beat ao movimento) e Fumaça.

À cidade de Salvador e ao movimento punk por ter me dado as primeiras réguas e compassos.

Aos meus pais por ter me incentivado na busca de um sonho distante da minha cidade de origem.

Às minhas irmãs Glauce e Hávata!

Ao meu grande amigo Esdras por ter transformado nossa vivência no movimento punk numa única busca por informação e felicidade! Pelas tardes infinitas de colagens, poesia, reclamações e investigações no campo do bom som!

Ao meu amigo João Juliano por ter sido também um irmão.

À poesia de Rimbaud, aos arpejos lamentosos dos ciganos do Taraf de Haïdouks, à comunidade CRASS, à música Rembétika e ao Karatê Shotokan por ter proporcionado a medicina necessária para o corpo e o espírito.

*“Je* est um autre!”
Arthur Rimbaud.
Carta à Georges Isambard. Charleville, 13 de maio de 1871.

## RESUMO

Este estudo busca contribuir para o diálogo interdisciplinar entre os campos da Comunicação e da Informação. Através da investigação de processos e artefatos de trocas simbólicas, busca compreender a relação entre comunicação e movimentos sociais, caracterizando as particularidades que se manifestam nesse contexto. Para isso, explora o universo dos fanzines no movimento anarcopunk, uma das manifestações da contracultura no Brasil. A partir da análise do fanzine Favo de Fel, propõe a identificação de algumas categorias comunicativas e informacionais significativas para o entendimento do fanzine no contexto dos movimentos sociais. Levanta, através da técnica de análise de conteúdo, os dados necessários para compor um conjunto de características representativas das estratégias comunicacionais e de performance informacional na composição, publicação e distribuição de fanzines. Reflexões sobre o impacto deste tipo de publicação no seio dos movimentos sociais são experimentadas. Prepara, igualmente, um terreno temático introdutório para outras investigações de caráter mais aprofundado no campo da motivação na aquisição de conhecimento, sobre procedimentos não convencionais de troca de informação e sobre autodidatismo. Conclui que os procedimentos levados a cabo pelos autores e leitores de fanzines desconstroem o modus operandi conservados pelos veículos convencionais de comunicação e nas instituições legitimadoras do aprendizado. Ao mesmo tempo, promovem, nos indivíduos, competências na aquisição de conhecimento que se revertem em capital de acesso à cidadania.



**Palavras-chave**: Comunicação alternativa. Fanzine. Contracultura. Movimento punk. Anarquismo.

**ABSTRACT**

This study seeks to contribute to the interdisciplinary dialogue between the fields of Communication and Information. Through the investigation of processes and artifacts of symbolic exchanges, it seeks to understand the relationship between communication and social movements, characterizing the particularities that appear in this context. For this purpose, it examines the universe of fanzines in the anarcho-punk movement, a manifestation of counterculture in Brazil. Through an analysis of the fanzine Favo de Fel ("Gall Honeycomb"), this paper proposes the identification of some communicative and informative categories which are important to the establishment of a representation of the fanzine in the context of social movements. It gathers (through content analysis) the data necessary to form a set of representative characteristics of communicational strategies and of informative performance in the composition, publication and distribution of fanzines. This study ponders the impact of this kind of publication on social movements. It also sets the stage for deeper investigations in the fields of motivation in knowledge acquisition, unconventional ways of exchanging information and autodidacticism. It concludes that the procedures carried out by authors and readers of fanzines deconstruct the modus operandi of conventional media and educational institutions. Besides, they promote abilities in knowledge acquisition that become a means of access to citizenship.

**Keywords**: Alternative communication. Fanzine. Counterculture. Punk movement. Anarchy.

**SUMÁRIO**


**1 INTRODUÇÃO** ..... 11
1.2 OBJETIVOS ..... 16
**1.2.1 Objetivo Geral** ..... 16
**1.2.2 Objetivos específicos** ..... 16
1.3 CONTEXTO DO ESTUDO ..... 16

**2 PLATAFORMA TEÓRICA** ..... 19
2.1 IMPRENSA ALTERNATIVA ..... 20
2.2 ANARQUISMO ..... 24
2.3 COMUNICAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS ..... 25
**2.3.1 Fanzine: um percurso histórico** ..... 29
**2.3.2 Movimento punk e os fanzines** ..... 32

**3 METODOLOGIA** ..... 35
3.1 TIPO DE PESQUISA ..... 36
3.2 ESTRATÉGIAS DA INVESTIGAÇÃO ..... 36
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA ..... 37
**3.3.1 Corpus textual da pesquisa** ..... 37
**3.3.2 Análise dos dados** ..... 39
3.3.2.1 Pré-análise ..... 40
3.3.2.2 Examinando o material ..... 40
3.3.2.3 Inferências e contextualização ..... 41

**4 FANZINE FAVO DE FEL** ..... 42
5.1 PERFIL BIOGRÁFICO DE UM AUTOR DE FANZINE ..... 42
5.2 MARCAS ESTRUTURAIS E PERFORMANCE COMUNICATIVA ..... 46
5.3 CONTEÚDOS INFORMACIONAIS ..... 48
5.4 UM ARAUTO ACRATA ..... 51

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 55

**REFERÊNCIAS**.....58

**ANEXO 1- Estrutura gráfica do Favo de Fel- o título**.....61
**ANEXO 2- Tipografia do Favo de Fel (n. 4-10)** .....62
**ANEXO 3- Fábio Rakkoh produzindo o Favo de Fel**.....63

## 1 INTRODUÇÃO

No conjunto de diretrizes propostas pelo Livro Verde da Sociedade da Informação, a ampliação da cidadania a partir do acesso à informação é um tópico amplamente explorado. No entanto, a complexidade de fatores envolvidos na relação entre cidadania e acesso à informação sugere uma Sociedade da Informação formada por interesses conflitantes.

Pensar a Sociedade da Informação no contexto do predomínio das grandes agências de notícias e do controle governamental da informação impõe paradoxos incontornáveis. Os imperativos comerciais que atuam nos grandes veículos de comunicação se manifestam no conteúdo de suas mensagens e na legitimação de padrões socioculturais favoráveis ao consumo dessas mensagens. Identificar oportunidades de contribuição para a ampliação da cidadania neste contexto é o compromisso dos profissionais que mediam os processos de comunicação e transmissão da informação.

Ao definir a Indústria Cultural como algo que impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente, a *Escola de Frankfurt* não estava desenhando uma realidade esgotada na hegemonia cultural irrestrita. Ao contrário, estava definindo o cenário ideal para ocorrência de desvios não apenas no campo da arte, mas no sentido mais amplo da cultura, incluindo educação, comportamento, informação e comunicação.

A partir da ideia de indústria da cultura e das implicações sociais desta noção é que surge a contracultura. Apesar de não existir uma definição unívoca deste termo, as manifestações contraculturais são motivadas pelo ímpeto da contestação e da mobilização sociocultural, esta realizada à margem de uma cultura dominante. Por sua vez, cultura dominante poderia ser entendida como um conjunto de padrões dominantes em uma determinada comunidade.

Desviando dos padrões dominantes de seu tempo, grupos contraculturais vem promovendo transformações radicais no comportamento e na estrutura social desde suas primeiras manifestações nos anos de 1960. A contracultura fomentou uma

mudança de comportamento que resultou em progressos que vão do campo da sexualidade (*Relatórios Hite sobre Sexualidade Feminina*) até às tecnologias da comunicação e informação (internet). Estes desvios e transformações não foram realizados sem conflitos com a cultura dominante. O movimento punk, como fenômeno sociocultural, é revelador quanto à relação conflituosa entre cultura dominante e a contracultura. Relação esta que se manifesta no sensacionalismo gerado pela imprensa convencional em torno dos temas da contracultura.

Surgido inicialmente como um fenômeno mercadológico no âmbito da cultura musical, o punk, ainda no final dos anos de 1970, é captado e transformado por jovens que viviam nas periferias das grandes cidades. Este processo foi sendo fermentado pela insatisfação dos jovens da periferia com a cultura dominante, culminando com um modelo de contestação marcado pelo radicalismo contra o consumismo, pela rejeição aos padrões comportamentais da época, etc.

No Brasil, o movimento punk aparece como movimento de contestação, porém ainda carregando as marcas da manifestação musical e estética promovidas pelo punk londrino. De 1978 até 1982 o fenômeno cresce, sobretudo na periferia de São Paulo, aproximando jovens que, embora trabalhassem em sua maioria, sofriam as limitações inerentes à população suburbana.

Alguns fazines punks surgem neste contexto para divulgar os primeiros esboços de definição do movimento e estabelecer os primeiros canais de comunicação entre os indivíduos identificados com a cultura punk. Estes primeiros fanzines resultaram de iniciativas isoladas, não constituindo ainda uma rede organizada de comunicação no movimento.

Quando, em 1982, *O Estado de São Paulo* publica uma série de reportagens sob o título *Geração Abandonada,* onde os punks são apresentados como assaltantes violentos, inaugura-se um marco na relação conflituosa deste movimento com os meios de comunicação convencionais. A resposta mais imediata do movimento é dada por intermédio de um punk universitário, numa carta escrita à redação do jornal. A longo prazo, é nesta oportunidade onde fica evidenciada a necessidade de articulação de recursos comunicativos e de troca de informações entre os indivíduos que pertenciam ao movimento.

A partir deste marco (1982), surgem os fanzines mais elaborados, os pequenos selos de discos e a intensa troca de correspondência entre os punks. O desenvolvimento desses canais comunicativos agrega ao movimento um conjunto de práticas alternativas de comunicação e, nos indivíduos, promove competências informacionais como: autonomia na aquisição de conhecimento e senso crítico quanto às mensagens veiculadas pelos meios de comunicação convencionais.

Ao assédio dos grandes jornais e às matérias tendenciosas produzidas por estes veículos, os punks respondem com o desenvolvimento de uma rede internacional de troca de correspondência e de publicações independentes. O fanzine foi o formato adotado pelos punks para divulgação de suas ideias e atividades, abordando temas como o desemprego, meio ambiente, consumismo, moradia, violência policial, etc.

Um fanzine é, grosso modo, um tipo de publicação amadora, de pequena tiragem e impressa de forma artesanal. Inventados como veículo de informação e comunicação de aficionados por ficção científica na década de 1930, só veio a denominar-se como fanzine a partir da década de 1940, na contração dos termos *fanatic* e *magazine*. São diversas as características que diferenciam o fanzine dos demais tipos de publicação. A principal diferença se dá na forma de circulação, pois os fanzines são editados e distribuídos pelos próprios autores e divulgado, geralmente, entre um público muito específico que compartilha de um interesse em comum, seja ele artístico, cultural, político, prático, etc.

A utilização do fanzine como meio de comunicação entre indivíduos punks e o desenvolvimento da rede de troca de publicações independentes motivaram a consolidação de ideias mais precisas quanto aos objetivos do movimento. Por intermédio dos fanzines, os punks começaram estabelecer contato com projetos e iniciativas mais consistentes em torno da autogestão, meio ambiente, sexualidade, vegetarianismo, drogas, etc. Esta experiência transformou significativamente o comportamento dos indivíduos que participavam do movimento, caracterizando os mesmos pela constante busca de conhecimentos sobre direitos da mulher e dos homossexuais, squatting, alimentação, perigos da guerra, etc.

Neste estudo pretendo contextualizar a importância do fanzine no processo de politização do movimento punk, que permitiu, nos anos de 1990, o surgimento do movimento anarcopunk no Brasil. A partir do estudo de um fanzine anarcopunk pretendo entender os processos de comunicação e transmissão de informação de um grupo político que se emancipou de uma condição de marginalização total para, nos dias de hoje, encabeçar a linha de frente nas reivindicações por melhores condições de vida, por direitos à ciclovias e por alimentação de qualidade, entre outros reclames.

Em última instância, esta investigação propõe contribuir para o desenvolvimento de um campo temático que possibilite a realização de estudos mais aprofundados sobre estratégias de aquisição de informação utilizadas às margens das entidades legitimadoras do conhecimento. Para isso, é necessário compor caracterizações básicas dos artefatos e ações que se manifestam no fenômeno da comunicação alternativa.

Quando ouço ou leio os discursos e debates em torno da Sociedade da Informação e do Conhecimento penso na importância de verificar como estas noções ocorrem nos fenômenos que não estão necessariamente afinados com as instituições convencionais de comunicação e transmissão de informação. É pertinente esta curiosidade no sentido de que, para os profissionais da informação e da comunicação, antecipar-se a estes fenômenos e entendê-los podem fornecer um cenário valioso a partir do qual podemos planejar serviços e produtos informacionais de qualidade e ajustados à realidade heterogênea dos usuários de informação.

Os tópicos trabalhados neste estudo estão amplamente fixados no rol dos grupos de trabalho, seminários, programas de pós-graduação e de artigos publicados nas revistas especializadas. A interdisciplinaridade que tece as relações entre os temas *comunicação*, *movimentos sociais*, *circulação* e *apropriação da informação,* é uma tendência que acompanha a maior parte dos estudos recentes nas áreas da Comunicação e Ciência da Informação.

Na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação- ANCIB, os Grupos de Trabalho *3- Mediação, Circulação e Apropriação da Informação e 10- Informação e Memória* são, em suas apresentações, os dois campos onde os tópicos mencionados são mais contemplados. A observação parcial

dos títulos dos trabalhos apresentados nos encontros esta instituição, sugere o interesse crescente pelos processos de mediação e circulação de informação, considerados em seus aspectos socioculturais e históricos, abordados pela ótica da interconexão de saberes.

Seguindo o mesmo paradigma do diálogo entre disciplinas, a *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*- INTERCOM, fomenta o desenvolvimento de estudos interdisciplinares a partir do campo da Comunicação. Esta organização oferece algo em torno de 10 Grupos de Trabalho dedicados à relação entre comunicação, cidadania, culturas urbanas e outros quadros temáticos que são objeto do presente estudo.

Além da relevância desses temas no âmbito da pesquisa em Ciência da Informação e Comunicação, alguns fenômenos da atualidade têm levantado o debate em torno das práticas não convencionais de comunicação e a relação desta com movimentos reivindicatórios. As últimas manifestações que reclamaram o estabelecimento de ciclovias e a implantação do passe livre, foram organizadas nos moldes de ação direta lançados por grupos de punks e anarquistas a partir dos anos 1980. Da mesma forma, os atos urbanos promovidos pela *Marcha das Vadias*, incorporam, na sua forma de demandar direitos, a ousadia e o radicalismo praticados de forma isolada nos anos 1990 por grupos anarco-feministas.

Da mesma forma, a comunicação estabelecida pelos grupos que protagonizaram tais manifestações também seguem um fluxo de informação semelhante ao possibilitado pela circulação de fanzines. Aqui, podemos aferir, na comparação, que se trata de fenômenos sociais possibilitados pela troca de informação e utilização de canais comunicativos que estão à margem da mídia convencional. Também, pela semelhança, podemos estabelecer a relação fundamentalmente conflituosa entre estes grupos e os canais convencionais de comunicação.

Por estas semelhanças e pela relevância, nos dias atuais, das estratégias contraculturais de comunicação inauguradas na perspectiva de movimentos marginalizados desde os anos 1980 até meados dos anos 2000, podemos estabelecer a contribuição deste estudos na compreensão dos fenômenos da atualidade.

## 1.1 OBJETIVOS

A seguir estão os objetivos propostos pelo presente projeto, que têm como finalidade orientar a execução do estudo.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a produção de fanzine e a circulação de informações no movimento anarcopunk.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Para cumprir o objetivo geral do projeto, propõem-se os seguintes objetivos específicos:

a) caracterizar os procedimentos comunicacionais realizados na confecção de fanzines;
b) identificar as estratégias comunicativas utilizadas pelos publicadores de fanzines;
c) circundar os conteúdos informacionais veiculados nos fanzines dentro de grupos contraculturais;
d) verificar a relevância dos fanzines no processo de transmissão de informação no movimento anarcopunk.

## 1.3 CONTEXTO DO ESTUDO

Este estudo se costura na trama de iniciativas, projetos, ideias e mobilizações que estão sendo planejadas e praticadas no âmbito da cultura das publicações alternativas. Cunhado também como publicação *nanica,* independente ou underground, o fanzine é um fenômeno que tem repercutido em ambientes inusitados e ofertado novos tópicos de debates naqueles contextos que constituem seu habitat natural, como na imprensa alternativa. Na realidade dos cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Comunicação, Educação e Sociologia, o

fanzine tem sido abordado em artigos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado, sobretudo a partir dos anos de 1990.

Quanto à coleta e conservação de fanzines, a França abriga a fanzinoteca mais antiga e com maior número de documentos digitalizados. A Fanzinothèque de Poitiers, desde 1989, funciona como centro de pesquisa de publicações independentes na Europa e conta em seu catálogo, cerca de 50.000 títulos de fanzines publicados a partir dos anos de 1960. Dezenove profissionais atuam na aquisição, catalogação e conservação do acervo de fanzine desta instituição. Uma agenda de eventos itinerantes em todo o território europeu é organizado, difundindo os documentos que fazem parte da coleção.

No Brasil temos o projeto *Fanzinoteca Mutação*, organizado pelo professor de Artes Visuais Law Tissot, na cidade de Rio Grande/RS. A partir da doação de sua coleção particular e um incentivo da Funarte, Law Tssot passou a compilar fanzines publicados no Brasil a partir de 2009.

Ainda no Brasil, o *Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas* é um dos projetos da *Ugra Press* que publica um catálogo anual com todos os fanzines enviados para a coleção da editora. Atualmente este anuário se encontra na 2ª edição e traz resenhas de diversos fanzines, entrevistas com fanzineiros e artigos sobre o tema. A mesma editora organiza um Salão de Fanzine a cada ano, trazendo palestrantes do Brasil, de Portugal e da Espanha para debater sobre diversos temas relacionados à publicação independente.

A publicação de fanzine e o cenário de rock brasileiro nos anos de 1990 foram investigados no documentário *Fanzineiros do Século Passado.* Dividido em três episódios, traz depoimentos de fanzineiros e leitores de fanzines entre os anos 1991-2000. Este documentário mostra como se constituía a rede de contatos para troca de fanzines bem como as estratégias utilizadas para superar as dificuldades de falta de recursos dos fanzineiros.

No campo da Educação, em 2008, o professor de Educação Física Renato Donissete introduziu o fanzine na divulgação dos conceitos básicos da disciplina em sala de aula, incentivando os alunos a compor os conteúdos desses trabalhos. Este

projeto resultou na confecção de um fanzine sobre as Olimpíadas, de autoria dos próprios alunos da classe. A pesquisadora Ioneide Nascimento utilizou o mesmo formato em 2007 como recurso na formação de professores no Curso Normal Superior em Terezina/PI. Dentro desta mesma iniciativa, o professor Elydio Santos Neto propôs o desenvolvimento de fanzines no curso de mestrado em Educação na Universidade Metodista de São Paulo com o objetivo de incentivar nos mestrandos a possibilidade de expressar-se com mais fluidez. Outras ações estão sendo dirigidas nesse sentido, introduzindo o fanzine em sala de aula para desenvolver métodos de avaliação que contemplem a capacidade do aluno de comunicar de forma não convencional os conhecimentos apreendidos nas aulas.

Os encontros e feiras dedicadas ao fanzine são inúmeros. Desde 2011, a *Fanzinada* reúne fanzineiros, pesquisadores e leitores de fanzines em debates, exposições e oficinas em torno do tema. Este evento acontece uma vez por ano em uma cidade diferente a cada edição. O maior evento, porém, acontece em São Paulo, organizado pela Ugra Press. Chamado de *Ugra Zine Fest*, o acontecimento reune os vários agentes que atuam no campo da imprensa alternativa de todas as partes do mundo. vários debates simultâneos compõem a agenda desse evento anual que termina com uma grande festa.

No exterior, Buenos Aires e Chile abrigam os eventos mais próximos do Brasil no *Buenos Aires Fanzine Fest* e na *Feria de Fanzines* (Santiago).

Embora a popularização de recursos tecnológicos tenham facilitado as possibilidades de publicação, o formato impresso dos fanzines permanece, salvo algumas exceções, crescente. Este fato se justifica nas características materiais e de confecção que estão inerentemente associados ao fanzine. Ou seja, a diagramação e as formas de encadernação, realizados de forma artesanal conferem particularidades a cada fanzine publicado.

A pertinência dos estudos realizados em torno do fanzine verifica-se na amplitude das ações, dos encontros, da quantidade de publicação e de coleções de fanzines. Como veremos adiante, este suporte de informação e as práticas que o envolve constituem uma efetiva opção de comunicação e de acesso a informação.

# 2 PLATAFORMA TEÓRICA

Neste capítulo, procede-se ao levantamento de referências que darão suporte e fundamentação teórica ao estudo da publicação de fanzine e circulação de informação no âmbito do movimento anarcopunk. A plataforma teórica desta pesquisa é formada pelas referências que foram selecionadas para sustentar as delimitações conceituais do estudo. Estas referências se manifestam e se inter-relacionam da forma que segue.

## 2.1 IMPRENSA ALTERNATIVA

A caracterização e as definições atribuídas à *imprensa alternativa* são imprecisas, apesar do considerável desenvolvimento da pesquisa nesta área. Isso porque, cada tentativa de conceituação do termo enuncia, inevitavelmente, os diversos locus a partir dos quais a *imprensa alternativa* pode ser observada. Já no *Catálogo da Imprensa Alternativa e Episódica do Brasil,* publicado em 1979, seus organizadores enfrentaram as dificuldades impostas pela infinidade de acepções atribuídas ao termo *imprensa alternativa.* Antes de fazer um levantamento exaustivo dessas definições, proponho a compilação de algumas contribuições oferecidas por pesquisadores que atuaram no cenário da imprensa alternativa.

Uma das contribuições mais expressivas se dá pelos autores que atuaram na imprensa alternativa no contexto do regime militar no Brasil. Estes autores, de modo geral, eram comprometidos inicialmente com partidos de esquerda recém-caídos na clandestinidade, partindo daí a necessidade de utilização dos canais não oficiais de comunicação. Posteriormente, houve um período de fragmentação dos primeiros jornais políticos em diversos outros de temática mais diversa.

Chinem (1995), estabelece a oposição ao regime vigente como principal característica dos impressos publicados de forma alternativa. Ao circunscrever esta característica às publicações independentes lançadas entre 1964 e 1980, este autor fala do ambiente social e político estabelecido pela censura no regime militar. A imprensa alternativa, para o Chinem (1995, p. 8):

> [...] fazia oposição sistemática ao regime militar, denunciava a tortura e a violação dos direitos humanos e criticava o modelo econômico. Vivíamos a época do chamado “milagre”- que se mostrou, afinal, só um malogro.

A partir dessa definição o autor expõe as contradições dos meios de comunicação dominantes, sugerindo que a grande imprensa tem como principal objetivo defender os padrões sociais convenientes aos seus proprietários. Porém, o mesmo autor, fazendo um histórico da imprensa a partir do período anterior ao golpe militar, deduz que, com a chegada dos militares ao poder, a grande imprensa também sofreu modificações, pois, antes disso, havia certo clima de simpatia das linhas editoriais em relação aos movimentos populares. Depois do golpe, os elementos mais democráticos dos grandes meios de comunicação foram forçados a diminuir sua força de expressão.

Depois de 1968, com a publicação do Ato Institucional nº 5, inicia-se o período mais truculento da censura no regime militar. Segundo Chinem (1995, p. 12) este ato "[...] extinguiu garantias individuais clássicas e depositou poderes extraordinários nas mãos do presidente da República".

Neste contexto, a imprensa alternativa do período tinha que sobreviver a um cenário dominado por atentados às bancas de jornal que vendiam materiais publicados de forma independente ou que faziam algum tipo de crítica ao governo.

Chinem (1995) estabelece as categorias da imprensa alternativa a partir da expressividade e linha de atuação de três principais jornais independentes: *Pasquim, Opinião* e *Movimento.* Estes três jornais representam, para o autor, os três modelos de linha editorial que vigorou na imprensa alternativa no período. A sátira e irreverência eram defendidas pelo *Pasquim*. O *Opinião* se dedicava à aventura e ousadia nas reportagens, enquanto o *Movimento* funcionava como órgão de divulgação de grupos clandestinos que atuavam na resistência ao domínio dos militares.

Fora desta categorização, estavam as iniciativas ousadas e isoladas na imprensa alternativa, representada, sobretudo pelos jornais feministas *Brasil Mulher*, o quadrinho político *O Bicho* e o jornal de defesa dos direitos homossexuais *Lampião.*

Para o autor, a imprensa alternativa perde expressão no Brasil quando o principal motivo de sua existência se extingue. Ou seja, com os primeiros atos direcionados à abertura democrática, no final dos anos 1970, a imprensa alternativa fica saturada e não consegue produzir conteúdo de expressão. Outros autores compartilham dessa leitura, mas, como alguns autores demonstram, o fato é que a imprensa alternativa

se transforma e traz pra si outros objetivos, diferentes daqueles incorporados no contexto do regime militar.

Caparelli (1988), em revisão histórica sobre o assunto, propõe a contextualização do termo com base nos diversos fatores que modelaram a imprensa alternativa no tempo. Para o autor, a noção de imprensa alternativa se transforma, opondo-se a uma conceituação rígida e estanque. A influência de autores franceses, italianos e alguns latino-americanos que estudam o fenômeno, impôs as seguintes problemáticas na definição do termo:

> a) o alternativo em comunicação não existe como definição estável nem pode existir;
> b) o alternativo depende da conjuntura concreta de cada panorama comunicativo e,
> c) mais do que falar de comunicação alternativa é necessário se referir a elementos alternativos da comunicação (FONTECUBERTA; GOMEZ MOMPART, 1983 apud CAPARELLI, 1988, p.8).

Baseado nesta precondição na definição de imprensa alternativa, o autor traça uma linha histórica que vai dos jornais com características alternativas na Revolução Francesa, passando pelas publicações revolucionárias da Revolução Russa e chegando na descrição dos jornais da América do Sul que representavam resistência aos regimes antidemocráticos vigentes entre as décadas de 1950 e 1980.

Resultado do estudo realizado no doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a cobertura mais completa sobre o assunto parece ter sido realizado por Kucinski (1991). O autor, seguindo o mesmo paradigma interpretativo de Chinem (1995), desenha um panorama da imprensa alternativa entre os anos 1964-1980. Neste quadro histórico, o autor caracteriza as mudanças operadas no imaginário daqueles que publicavam a partir da perspectiva da imprensa alternativa. Ele utiliza as informações colhidas nesta caracterização para construir um quadro tipológico a partir do qual estabelece a categorização dos jornais, boletins e demais publicações alternativas. Segundo o autor:

> Em cada fase eram outras as motivações, o caráter da articulação entre os seus protagonistas e deles com a sociedade civil, com os partidos políticos e movimentos populares. Surgiam novas propostas estéticas e operacionais, mudava o relacionamento com os leitores. Dessas mudanças no imaginário dos protagonistas da imprensa

> alternativa é que se retira uma periodização elucidativa do que foi o ciclo alternativo, muito mais do que dos marcos instituídos pelo regime, frequentemente adotados pela historiografia corrente (KUCINSKI,1991, p. 3).

Apesar de criticar a tomada dos marcos (do AI-5 à anistia) como representativos da imprensa alternativa, ele não justifica a escolha dos anos 1964-1980 para estudo da imprensa alternativa. O trabalho foi defendido em 1991 e não existe nenhuma evidência da inexistência de publicações alternativas na década de 1980.

As publicações independentes dos anos 1960 foram influenciadas pelas ideias lançadas pelos grêmios estudantis, pelos partidos de esquerda e, em sua minoria, pelas vanguardas artísticas brasileiras. Mesmo com o golpe de 1964, algumas publicações continuaram sendo produzidas, apesar de divulgarem sátiras e críticas contra o regime. Porém, com o AI-5, em 1969 e a generalização das prisões nos editoriais, as publicações alternativas sofreram baixas.

Segundo Kucinski, na década de 1970, projetos ambiciosos vieram à tona, pois:

> [...] em 1974, quando os primeiros presos políticos com penas já cumpridas reintegram-se à vida civil através da imprensa alternativa, os jornais incham e se multiplicam. Ainda segundo o autor, estes jornais estavam motivados com as ambições estéticas e temáticas do *new-journalism* e a contracultura americana (KUCINSKI 1991, p. 4).

Outra faceta representativa da imprensa alternativa do período estava representada pelos jornais satíricos influenciados pelo movimento underground europeu e americano, pela nouvelle vague francesa, pelas agitações de maio de 69 na França e, muitos deles, inspirados na contracultura. Estão neste contexto os jornais *FLOR DO MAL* (1970), de Luiz Carlos Maciel, *JÁ(1971)* e *ENFIM* (1979), de Tarso de Castro e outros (KUCINSKI,1991). Todos eles cumpriam com o papel de resistência ao regime e ofereciam uma alternativa ao empobrecimento forçado dos conteúdos publicados na imprensa convencional e na tv, que passava por processo de popularização.

Por fim, a imprensa alternativa no Brasil não nasceu no golpe de 1964 e nem deixou de existir com o processo de abertura democrática nos anos 1980. O regime militar, na realidade, modelou as estratégias utilizadas pelas publicações alternativas

do período e, ao mesmo tempo, forçou a utilização dessas publicações como manifestação de resistência aos arbítrios impostos pelo Estado.

Mesmo porque, como resalta Pereira (1986), no período da ditadura militar no Brasil, o termo imprensa alternativa ainda não existia, sendo cunhado apenas nos primeiros anos da década de 1980, quando o fenômeno alcançou outras esferas da cultura, como grupos de direitos ambientais, movimentos em favor de minorias, etc. Neste contexto de abertura, o cenário da imprensa alternativa se transforma e dá espaço para o desenvolvimento dos jornais culturais, fanzines e boletins informativos de ativistas políticos.

## 2.2 ANARQUISMO

Uma das doutrinas mais difíceis de ser compreendidas é o Anarquismo. Mesmo a sua categorização como doutrina é questionada por vários teóricos e ativistaS que contribuem na divulgação da ideias anarquistas. Pela simplicidade e sistematização classificatória, me aproprio da definição desenvolvida por Woodcock (2007).

Este autor parte de uma definição dada pelo pedagogo Sebastien Faure para discutir os contornos das ideias que definem o Anarquismo. Segundo essa definição inicial, o anarquista é aquele que contesta a autoridade e luta contra ela. Opondo-se à simplicidade desta definição, o autor coloca que:

> Todos os anarquistas contestam a autoridade e muitos lutam contra ela. Mas isso não significa que todos aqueles que contestam a autoridade e lutam contra ela devam ser considerados anarquistas. Do ponto de vista histórico, o Anarquismo é a doutrina que propõe uma crítica à sociedade vigente; uma visão da sociedade ideal do futuro e os meios de passar de uma para a outra. A simples revolta irracional não faz de ninguém um anarquista, nem a rejeição do poder terreno com bases filosóficas ou religiosas. (WOODCOCK, 2007, p. 7).

Aos estereótipos promovidos pela cultura dominante a respeito do Anarquismo, o autor contrapõe a origem etimológica do termo para justificar tanto a confusão gerada pelo sistema dominante quanto para esclarecer a verdadeira intenção do movimento:

> Anarchos, a palavra grega original, significa apenas ‘sem governante’ e, assim, a palavra anarquia pode ser usada tanto para expressar a condição negativa de ausência de governo quanto a condição positiva de não haver governo por ser ele desnecessário à preservação da ordem (WOODCOCK, 2007, p. 8).

Mais adiante em sua tentativa de definição do Anarquismo, Woodcock (2007), em consonância com outros ativistas libertários como o russo Mikhail Bakunin, atribui à este termo a ideia de uma filosofia contrária à qualquer tipo de hierarquia e a simpatia pelas iniciativas de livre associação. Desta forma, insere o Anarquismo no contexto dos movimentos sociais que reivindicam o desenvolvimento de formas de organização baseadas no apoio mútuo e na ampliação da democracia política.

## 2.3 COMUNICAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS

A relação entre a publicação de fanzine e a manutenção comunicativa de grupos contraculturais é uma noção que vai marcar o desenvolvimento desse estudo. Para isso, propomos a apreensão de alguns conceitos e inter-relações teóricas desenvolvidas nas áreas da Comunicação e das Ciências da Informação. Em última instância, trata-se de incorporar ao estudo a ideia de que os processos comunicacionais promovem inflexões ao nível da cultura e da construção de identidades.

O estudo da construção de identidade por meio das práticas informacionais e comunicacionais alternativas exige uma reflexão em torno dos conceitos de *cultura popular, movimentos populares* e *comunicação popular.* Tanto no campo da pesquisa quanto no das práticas sociais, estes conceitos se inter-relacionam e cooperam entre si.

Em torno da noção de cultura popular, várias linhas de pensamento atribuem significados diversos e, algumas vezes, divergentes. Nesse sentido e, para o contexto desse projeto, são relevantes as contribuições que consideram as relações existentes entre cultura popular e cultura hegemônica. Esta leitura está presente em Chartier quando lança dois modelos de interpretação da cultura popular:

> O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e

> autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distancia da legitimidade cultural da qual ela é privada (CHARTIER, 1995, p. 179).

Entretanto, o conceito de cultura popular e povo não está consolidado de forma absoluta nas Ciências Humanas e Sociais. O que está dado como consenso é a ideia de que o conceito de cultura popular surge a partir da perspectiva dos estratos dominantes da sociedade. Morigi situa que:

> A preocupação em elaborar um discurso científico sobre o popular é um problema da modernidade. A categoria povo passa a existir como referente do debate moderno a partir do século XVIII e início do século XIX, momento em que eram formados e consolidados na Europa os Estados nacionais, objetivando abarcar todos os estratos da população (MORIGI, 2004, p. 31).

Contribuindo para a diversidade de leituras em relação à cultura popular, temos a dos folcloristas, que, segundo Morigi (2004), atribuem ao popular o significado de tradicional. Nesta perspectiva, a cultura popular é abordada de forma idealista, supervalorizando as práticas camponesas em oposição às mudanças propiciadas pela modernidade. Segundo Morigi (2004, p. 28), [...] as análises que os folcloristas fazem são descontextualizadas, pois eles não conseguem perceber as mudanças que redefinem as sociedades industriais”.

O conceito de cultura popular sofre a influência tanto dos conceitos dados a priori por parte do observador quanto do ponto de vista sob qual este observa o fenômeno da cultura popular. De fato, o que temos de mais concreto neste campo é a ideia de que a cultura popular- e a cultura dominante- é um fenômeno que pode se manifestar de variadas maneiras, de forma que, seria mais justo falar de culturas populares. A leitura da cultura popular como um fenômeno heterogêneo aparece em Morigi (2004), Escosteguy (2010) e Ferreira (1999).

Apoiados nesses modelos, podemos atribuir ao conceito de *movimento popular* a ideia de ação social em defesa da *cultura popular,* seja ela um sistema

simbólico autônomo ou destituído de autonomia. Com a intenção de estabelecer categorias, Peruzzo (1998) divide os tipos de movimentos sociais conforme vários critérios. Dentro da classificação estabelecida pela autora, nos interessa aquelas que englobam o fenômeno da contracultura e do punk, ou seja, os movimentos relacionados com as condições gerais de vida, motivados por desigualdades culturais e voltados à defesa dos direitos humanos.

Os fenômenos da contracultura, do punk e do fanzine podem ser entendidos como manifestações que perpassam os dois modelos de cultura popular arrolados por Morigi (2004), partindo de uma condição de carência em relação à cultura e os processos comunicativos dominantes para a condição de práticas orgânicas em favor da construção de valores.

Os processos comunicacionais desenvolvidos nos movimentos populares desempenham o papel de prática social na medida em que, a comunicação popular:

> [...] está nas mãos de instituições sem fins lucrativos e de movimentos sociais; é multidirecional, horizontalizada, emitidas a partir dos anseios das classes subalternas; mobiliza e organiza o povo em torno de seus interesses, mediante a persuasão; desvenda a realidade; sustenta a existência de conflitos entre as classes sociais; inter-relaciona os fatos, para facilitar uma compreensão de conjunto; politiza a comunidade; propicia o diálogo e a participação no que diz respeito às decisões (PERUZZO, 1998, p. 134).

A rigor, o que estas pesquisas nos propõem é que, assim como no contexto da indústria cultural, os movimentos populares também mobilizam seus recursos comunicacionais e informacionais, porém, o que se tem neste contexto são as diferenças de objetivos que motivam a comunicação popular. A prática da comunicação popular desenvolve valores sociais e incrementa o processo de construção de identidade, fundamentais para a manutenção de grupos que vivem à margem da cultura hegemônica.

O conhecimento da comunicação popular oferece uma via de acesso à apreensão da cultura popular, pois a identificação dos processos comunicativos é imprescindível para o entendimento das manifestações culturais.

No campo da comunicação social no Brasil, a produção científica sobre comunicação popular começa de forma mais significativa a partir dos anos setenta, coincidindo com o desenvolvimento de movimentos populares, pois:

> [...] foi um momento da história em que a antítese do status quo aparecia com nitidez devido, possivelmente, à realidade sociopolítica, econômica e cultural concreta do País, na qual predominava a negação da plenitude da cidadania à maioria da população (PERUZZO, 1998, p.114).

Neste contexto, a comunicação popular está vinculada a prática social de reivindicação de direitos e de acesso à cidadania, a partir da elaboração de estratégias alternativas de comunicação. Estas estratégias foram materializadas em instrumentos de transmissão de informação que fogem ao controle governamental e dos setores empresariais da estrutura social dominante.

A definição de comunicação popular também se manifesta de forma heterogênea, podendo conotar práticas diferentes entre si. Peruzzo (1998, 1995) propõe a existência de três correntes interpretativas da comunicação popular: a comunicação popular folclórica, a massiva e a alternativa. A comunicação popular folclórica abarca o universo das expressões culturais tradicionais e genuínas do "povo" que estão presentes em manifestações de folclore, festas, danças, ritos, etc. A massiva é aquela presente no universo das indústrias culturais. O popular-alternativo situa-se no universo dos movimentos sociais, realizado pela sociedade civil.

No caso do estudo proposto por este projeto, a comunicação popular situa-se como uma manifestação de movimentos sociais e culturais que tem como objetivo suprir as necessidades informacionais e comunicativas de comunidades constituídas às margens das categorias sociais estabelecidas pelo Estado.

A contracultura como manifestação cultural identifica-se com as noções dadas sobre movimento social e popular, porém, distancia-se da noção de movimento político, pois a contracultura não pressupõe a formalização de um projeto político. Esta diferenciação se dá pela própria definição de político no nosso contexto onde, na perspectiva de Peruzzo (1998), na América Latina, a noção de político se desenvolveu simultaneamente à ideia de participação em estruturas políticas estatais e partidárias.

Autores como Silva (1982), Peruzzo (1998) e Cogo (1995) demonstram com seus estudos sobre informação e comunicação de grupos populares, a forte relação estabelecida entre a criação de ferramentas alternativas de transmissão de informação e a manutenção de identidades culturais. Cogo (1995), tendo a própria

experiência prática com estas ferramentas como ponto de partida, estabelece que a comunicação popular cumpre a função de sociabilização entre indivíduos de determinadas comunidades não representadas nos grandes veículos de comunicação. Por outro lado, Silva (1986) discute a comunicação popular a partir da perspectiva da dicotomia entre a comunicação hegemônica e a contrainformação. Peruzzo (1998) enumera as limitações e potencialidades da comunicação popular tendo como referência a prática da comunicação alternativa no Brasil.

O estudo do fenômeno do fanzine no contexto dos grupos contraculturais traz para si a apropriação dos conceitos desenvolvidos por estes autores. Tais conceitos colaboram com o ponto de partida deste estudo: da relação de influência mútua entre a comunicação alternativa e identidades culturais.

### 2.3.1 Fanzine: um percurso histórico

As Ciências Sociais e Humanas no Brasil vem manifestando um interesse crescente em relação ao fenômeno dos fanzines, modificando o quadro de escassez de estudos sobre este tema no passado. De fato, as investigações sobre fanzines e a imprensa alternativa se desenvolvem a partir da obra de Magalhães (1983), com sua dissertação de Mestrado *Os fanzines de histórias em quadrinhos: o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros,* defendido na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Posteriormente e como reconhecimento do ineditismo da pesquisa, o autor é convidado para escrever sobre o tema, no formato *Coleção Primeiros Passos.* É publicado então, sob o título *O que é fanzine*, a primeira tentativa de definição e descrição histórica sobre o tema no Brasil. A novidade desta obra manifesta-se no texto de apresentação do livro, onde o autor afirma que:

> Um dos problemas encontrados na elaboração deste texto foi a falta de bibliografia específica. Não havia até o momento no Brasil nenhuma definição para o termo fanzine, muito embora ele venha sendo usado correntemente a partir dos anos 70. Foi preciso recorrer aos conceitos emitidos pelos editores e leitores dessas publicações que, apesar das divergências e falta de sistematização, são os que melhor podem definir o que estão fazendo. Este trabalho tem, portanto, os próprios fanzines como fonte bibliográfica. (MAGALHÃES, 1993, p. 7).

Todos os estudos posteriores sobre fanzine no Brasil partem das definições e histórico apresentados por Magalhães (1993). Como o próprio autor afirma, ele se apoiou fundamentalmente nas definições dos próprios editores de fanzines Isto quer dizer que, o significado do termo fanzine para os pesquisadores atuais carrega consigo as representações propostas pelos próprios agentes que atuam no universo dos fanzines. Estas representações estão carregadas de projeções críticas em relação aos meios de comunicação convencionais.

O termo fanzine é formado pela contração dos termos ingleses *fanatic* e *magazine,* formando a noção de "revista para fãs" ou "revista feita por fã". Por trás deste termo, revelam-se conceitos que podem priorizar seus aspectos editoriais, suas finalidades ou sua postura contestatória em relação à comunicação de massas.

Para Magalhães (1993, p. 10) o fanzine "[...] é uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente". Em outro momento, ele conceitua o fanzine dentro do ponto de vista da postura contestatória, nos seguintes termos:

> Os fanzines são veículos amplamente livres de censura. Neles seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendagens crescentes. (MAGALHÃES, 1993, p. 10).

Esta mesma representação da contestação aparece em outras definições, como a que localiza os fanzines na imprensa alternativa que não se submete aos imperativos de venda (VALENCIA, 1988; ANDRIEU, 1975). A ligação dos fanzines com a prática da militância no campo cultural (MUNIZ, 2009) também localiza o fanzine como uma ferramenta de contestação.

Observa-se, no entanto, que os fins e os meios atribuídos aos fanzines estão intimamente relacionados. A adoção de processos de produção artesanais e a concepção em torno do conteúdo e da distribuição os fanzines são resultantes da postura independente dos editores de fanzine. Ou seja, um fanzine é criado quando não há possibilidades de veicular determinadas informações nas publicações convencionais. Estas impossibilidades podem ter origem em vários fatores. Da mesma forma, alguns editores optam pelo formato fanzine para mobilizar um processo de comunicação que outro formato não permitiria:

> Como os fanzines circulam mediante um sistema de troca de publicações ou venda por via postal, não é raro que eles cheguem não só a todas as partes do país mas também atinjam outros lugares do mundo.
> É justamente esta mobilidade uma grande virtude e um dos maiores problemas dos fanzines. (MAGALHÃES, 1993, p. 11).

Estas definições, que partem da atitude do próprio editor de fanzine, contrapõem-se às definições projetadas pela mídia convencional. Millôr Fernandes, por exemplo, definiu a publicação independente, na seguinte declaração:

> Quando me convidaram para fazer o Pasquim me garantiram que seria uma publicação independente. Eu, naquele momento, falei: 'se for independente não vai durar duas edições e, se passar das duas edições não será mais independente (FERNANDES, [1990]**).**

Para melhor compreender o fenômeno do fanzine no âmbito da comunicação e transmissão de informação, é necessário observar o contexto de seu surgimento e descrever sua evolução até a atualidade. Segundo Luna (2005), Magalhães (1993) e Negri (2010), o primeiro fanzine surgiu nos Estados Unidos, em 1930, com o título *The Comet.* Este fanzine, publicado por Ray Palmer, veiculava conteúdos de ficção científica para um grupo de aficionados sobre o tema, reunido no Science Corresponde Club. O segundo fanzine foi criado com o mesmo propósito, por Allen Glasser, para o The New York Scienceers (*sic*). Estas publicações eram reproduzidas e distribuídas no formato *xerox* e caracterizava-se pela intensa participação dos leitores, mantida na troca de correspondência e na colaboração nos conteúdos publicados.

No Brasil, o surgimento do fanzine esteve ligado aos grupos aficionados por histórias em quadrinhos. Editado em Piracicaba, o fanzine *Ficção,* do *Órgão de Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond*, editado por Edson Rontani, em 1965, foi o pioneiro desta manifestação no Brasil. Magalhães situa o surgimento do fanzine de história em quadrinho no Brasil no contexto das expressões culturais de contestação:

> No tocante aos fanzines dedicados aos quadrinhos, que formam uma das mais representativas vertentes desse gênero de publicações no país, eles representam a resistência dos autores frente ao descaso das editoras, a afirmação dos quadrinhos locais e contraposição aos quadrinhos estrangeiros. Nesse contexto, a importância dos fanzines

> reside não só na difusão e renovação dos quadrinhos no Brasil, mas também por contribuírem para a criação de um espaço essencial de discussão e avaliação dos quadrinhos como expressão artística (MAGALHÃES, 2011, p. 102).

Ao *Ficção* de Edson Rontani, sucederam-se vários outros fanzines com a mesma estrutura e mesma temática. Vale ressaltar que, até a década de 1980, a tecnologia reprográfica das fotocopiadoras ainda era bastante incipiente no Brasil. Os fanzines produzidos até esta época eram prioritariamente reproduzidos em mimeógrafo. Esta técnica acabou dando nome ao fenômeno cultural da *geração mimeógrafo* que abrangia, além do publico e editores de fanzines, artistas que divulgavam seus trabalhos por meio desta técnica de reprodução.

No Brasil, salvo raras exceções, a estrutura editorial e temática dos fanzines seguiu o formato do *Ficção* até os movimentos contraculturais começarem, nos anos de 1970, a apoiar-se nos fanzines para transmissão de suas mensagens. A imprensa alternativa, neste período, foi se modelando a partir das limitações impostas pelo regime militar (1964-1985), atribuindo ao fanzine a solução para a divulgação e comunicação dos grupos que ofereciam algum tipo de resistência aos projetos edificados pela ditadura militar no Brasil. Verifica-se a relação destas publicações com o contexto político e social ao contextualizar-se que:

> Tais publicações, naquele momento, foram batizadas de imprensa alternativa, nanica, de leitores independentes e undergrounds. A imprensa alternativa ia contra a ditadura e denunciava muitos atentados que ocorriam contra jornais e jornalistas (ASSUMPÇÃO *et al*., 2011, p. 6).

Surgido nesse clima de tensão social, os fanzines contraculturais partiram da necessidade de comunicação dos indivíduos que compartilhavam atuações nesses grupos. Esta motivação impulsionou também a relação do movimento punk com publicação de fanzines.

### 2.2.2 Movimento punk e os fanzines

No final da década de 1970, surgem no Brasil, indivíduos e grupos identificados com o movimento punk. Com isso, procede ao crescimento relevante de publicações de fanzines no país. De fato, houve uma identificação imediata de grupos punks com as possibilidades comunicacionais e informacionais permitidas pelos fanzines. Em sua origem, segundo Bivar (1982), o movimento punk está ligado a um comportamento contestatório aos valores estáveis. As ideias propaladas pelos indivíduos deste movimento vão desde o anti-consumismo até valores políticos estruturados no anarquismo, no ambientalismo, no autodidatismo etc. Desta forma, encontra-se no fanzine, a forma mais adequada para veicular atividades e ideias deste grupo.

O primeiro fanzine punk, chamado *Sniffin' Glue,* foi publicado pela primeira vez em 1976, por Mark Perry, em Londres. Esta publicação foi motivada pela análise crítica dos discos, dos shows e espaços destinados às reuniões do movimento punk. Sobre o *Sniffin' Glue,* temos que:

> [...] seu editor é Mark Perry, bancário, 19 anos, cabelos longos, entediado com o emprego. Então ele ouve um disco dos Ramones- a banda punk americana- assiste ao grupo ao vivo, acha ótimo e decide escrever uma crítica a respeito. Escreve oito páginas e tira 200 cópias, em xerox, no escritório da namorada. E passa adiante. Corta o cabelo, compra calças justas e meias fosforescentes, larga o emprego e torna-se Mark P. [...] com a explosão do punk o fanzine cresce tanto que se torna o porta-voz do movimento. No número 4 a tiragem passa para 1.000 cópias e, no número 10 já é "internacional", com 8.000 cópias, impresso em off-set (BIVAR, 1982, p. 51).

Nos primeiros números deste fanzine, manifesta-se a tentativa de definir a identidade do movimento, contribuindo assim para o desenvolvimento do movimento punk. No número 6 do fanzine, Mark P expressa assim, no tom ácido que marca todas as mensagens do movimento:

> [...] o punk quebrará todas as regras. Ele trará uma mudança que tornará o rock inglês muito excitante. Faz tempo que o rock vem sendo um divertimento leve e, de tão seguro, já não amedronta mais os pais (BIVAR, 1982, p. 59).

No Brasil os fanzines punks são publicados primeiramente em São Paulo, em 1982 (*SP PUNK e CONFLITO EXISTENCIAL),*depois surgem, em 1983, outros com

esta mesma temática no nordeste do país (*ESPUNK, PUNKS NOT DEAD*). Como havia a preocupação dos punks brasileiros em diferenciar o movimento punk brasileiro do inglês e americano, os artigos publicados nestes primeiros fanzines expressam fortemente a tentativa de delimitação dos objetivos do grupo. Outra preocupação destes primeiros fanzines é a contextualização do punk no Brasil. Ou seja, delimitar sob quais condições vivem os punks em território nacional. Os principais pontos de circulação dessas publicações punks nos anos 1980 são algumas lojas de rock em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e, posteriormente, no final dos anos 1980, Porto Alegre, Salvador, João Pessoa e Florianópolis.

Contribuindo para a identificação do movimento punk com os fanzines, verifica-se o fato deste movimento ter, desde o início, estabelecido uma relação conflituosa com os meios de comunicação convencionais, sobretudo à mídia impressa que sempre investiu de forma sistemática contra o movimento. Como exemplifica Eivar:

> [...] o jornal *O Estado de São Paulo* publica uma série de reportagens com o título *Geração Abandonada.* Em uma das reportagens o autor trata os punks como mack-navalhas, armados de canivetes, estiletes, correntes, machados; marginais violentíssimos, sujos, assaltantes e discípulos de Satã. A matéria provoca revolta entre os punks, e um deles escreve uma carta ao jornal acusando o repórter de fantasiar e sensacionalizar a coisa, deturpando e comprometendo todo o movimento (EIVAR, 1984, p. 98).

Desta forma, o fanzine, no contexto do movimento punk torna-se, se não a única, uma possibilidade de comunicação e transmissão de informação das mensagens transmitidas por este grupo. Se a relação com a mídia convencional sem mostrou, desde o início, conflituosa; se os punks existem em um espaço simbólico e geográfico marginalizado em relação aos meios convencionais de comunicação e informação, surge o fanzine para cumprir com a necessidade de expressão e troca de informações entre os membros desse grupo.

Alguns estudos (MUNIZ, 2009; ZAVAM, 2006) deduzem que a produção e a circulação de fanzines estão inerentemente ligadas à sobrevivência de grupos contraculturais onde, mantendo vivos os recursos e estratégias de comunicação, esses grupos garantem a transmissão de informação e suas práticas culturais. Neste

sentido, o editor de fanzines atua numa zona de conflito e de ações afirmativas no campo da cultura, de forma que:

> Nesse jogo de forças, surgem formas de expressão marginais, que (sobre)vivem e se nutrem da difícil negociação entre o (re)conhecimento de um fazer e a negação ou indiferença desse mesmo fazer pela sociedade. Assim, para adequar-se ao propósito estabelecido, quer seja, demarcar um território para a sua atuação e consequentemente difusão de suas ideias, e para afirmar a legitimidade do posicionamento assumido, qual seja o de insurgir-se contra a estrutura cultural dominante, que lhe subtrai direitos, o "excluído", numa atitude de recusa às formas convencionalmente aceitas, investe em gêneros, dispositivos, que apontam, logo de saída, a sua condição de marginal, de independente. É o caso, por exemplo, dos fanzineiros, que, tenta vencer os obstáculos impostos pela cultura de massas (ZAVAM, 2006, p.9).

Neste campo de conflito, o fanzine é um dos mediadores dos processos de manifestação cultural que dá forma e identidade aos grupos e indivíduos localizados à margem das entidades que legitimam os saberes e modos de fazeres na sociedade. Este tema se desdobra no tópico seguinte, onde podemos esboçar algumas noções relevantes para entender o tema deste estudo.

# 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, expomos os passos metodológicos que serão adotados no desenvolvimento do estudo. Primeiramente, descrevemos o tipo de pesquisa. Depois, passamos pela definição das técnicas aplicadas na investigação do tema, a delimitação dos documentos analisados e, por fim, delineamos os procedimentos instrumentais que serão aplicados na análise e interpretação dos dados.

A escolha das técnicas de pesquisa foi motivada pela delimitação do tema e as suas especificidades, exigindo, para a consecução dos objetivos propostos, um tratamento fundamentado na abordagem da pesquisa qualitativa.

## 3.1 TIPO DE PESQUISA

A abordagem proposta por este estudo é do tipo qualitativa. A escolha desta abordagem foi determinada pela natureza do tema objeto desta pesquisa. Por outro lado, o tratamento qualitativo responde às necessidades metodológicas inspiradas nos objetivos do projeto.

## 3.2 ESTRATÉGIAS DA INVESTIGAÇÃO

Na análise da produção e a circulação de fanzines no Brasil, propomos o estudo de caso do fanzine Favo de Fel. O estudo de caso nos permitirá, aqui, explorar as particularidades de um caso, relacionando-o ao fenômeno da confecção de fanzines e do fluxo de informação no movimento anarcopunk brasileiro.

Segundo Martins (2008, p. xi), esta estratégia de investigação “[...] pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real (pesquisa naturalística), onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis”.

Com o estudo de caso, pretendemos penetrar na realidade social, cultural e político onde o fenômeno do fanzine se manifesta. A importância desse tipo de estudo, na perspectiva do método qualitativo está, segundo Martins (2008), na possibilidade de permitir ao pesquisador o mergulho profundo no objeto de estudo e na realidade social que envolve o fenômeno pesquisado. Para Yin (2001, p. 21), "[...] o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos". A compreensão destes

fenômenos, segundo Yin (2001), Martins (2008) e Gil (2012), prescinde da investigação do contexto social e histórico onde ocorrem.

A partir do estudo de caso, o projeto propõe a aplicação da técnica de análise de conteúdo, que, defini-se como:

> […] um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 2011, p. 37).

Esta técnica envolve um conjunto de procedimentos de seleção e análise de documentos, tendo a definição do corpus textual como sua primeira ação. A leitura flutuante é a etapa que segue à definição do corpus textual. A aplicação da análise de conteúdo propriamente dita se dá com a identificação de categorias nos documentos selecionados e posterior estabelecimento de inferências a respeito do significado dos conteúdos analisados.

## 3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa compreende a definição do corpus textual da pesquisa, dos critérios que a justifica e as operações de análise dos dados coletados no corpus textual selecionado. Gil (2012, p. 49) define o delineamento da pesquisa como "[...] o planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados". Firmado nesta definição, aponta-se os elementos do delineamento da pesquisa, da forma que segue.

### 3.3.1 Corpus textual da pesquisa

A escolha das edições do Favo de Fel para composição do corpus textual, se justifica na importância histórica atribuída à esta publicação. Primeiramente, este fanzine foi produzido no período de formação do movimento anarcopunk no Brasil. Depois, pela qualidade de sua linha editorial e projeto gráfico, o Favo de Fel é uma

das publicações mais relevantes para a compreensão dos processos de confecção e circulação de fanzine no movimento anarcopunk.

O corpus textual é formado pelos originais e cópias de 4 edições do Favo de Fel. Como material complementar, *flayers* de divulgação do Favo de Fel assim como outras publicações produzidas pelo mesmo autor do fanzine analisado.

O fanzine Favo de Fel, editado e distribuído no contexto de formação do movimento anarcopunk no Brasil, carrega várias características que o torna relevante para compreensão do fenômeno delimitado por esta pesquisa. Primeiramente, esta publicação explorou todos os recursos básicos verificados na produção e circulação de fanzine. Sua qualidade editorial, apesar da limitação de recursos tecnológicos, superava a dos fanzines publicados no movimento anarco-punk no Brasil naquele período. Mesmo com as dificuldades de conservação, as edições do Favo de Fel foi um dos poucos fanzines da época que chegou até os dias atuais, graças aos acervos particulares de alguns antigos membros desse movimento.

Os documentos compreendidos neste corpus textual são 4 edições do fanzine Favo de Fel, que foram analisadas quanto aos conteúdos que veiculavam e quanto à estrutura formal desta publicação. A partir desta análise, procedo à contextualização e caracterização do fanzine. Estes documentos fazem parte do arquivo particular de três leitores e correspondentes do fanzine, distribuídos em Belo Horizonte, Palhoça e Porto Alegre.

Boa parte do material sinalizado nas fontes da pesquisa que foram enumerados encontra-se em quatro grandes coleções informais de documentos. Primeiramente, no meu arquivo particular que fui reunindo durante meu envolvimento com o movimento anarcopunk entre os anos 1996 e 2002. Nesta coleção encontram-se alguns números do fanzine objeto da pesquisa proposta e uma considerável quantidade de matérias de jornais, revistas, fotos, cartas e outros fanzines relacionados com o mesmo período.

Depois, temos as coleções particulares de dois leitores participantes do movimento anarcopunk no mesmo contexto histórico. As duas coleções se encontram em condições totalmente adequadas de armazenamento e organização documental. Um desses leitores, localizado em Belo Horizonte, é bibliotecário formado pela UFMG e transferiu todo o material do seu arquivo para a casa de sua

mãe, onde poderia aplicar todas as técnicas de organização e conservação desse acervo.

O segundo leitor, residente em Palhoça (SC), tem uma ótima documentação sobre o assunto, particularmente rico em materiais não publicados como fotografias, atas de reuniões, cartas, originais de fanzines, instrumentos de edição de fanzine, etc. Esta coleção encontra-se também em estado de conservação ideal para uso.

Como as tiragens da maioria dos fanzines são realizadas por meio da fotocópia, o acesso a estes materiais foi facilitado pela possibilidade da reprodução irrestrita deste tipo de publicação.

### 3.3.2 Análise dos dados

O estudo proposto por este projeto é baseado na análise de conteúdo, aplicado sobre os documentos que fazem parte do corpus textual da pesquisa. A análise de conteúdo é, segundo Bardin (2011, p.37), "[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações". Este tipo de análise caracteriza-se pela exploração do conteúdo das mensagens com o objetivo de interpretá-las e, a partir desta operação, inferir sobre seu contexto de produção.

A análise de conteúdo visou, no âmbito deste projeto, a aplicação de procedimentos pormenorizados de observação e interpretação da estrutura e dos conteúdos transmitidos pelo Favo de Fel para inferir sobre as condições de sua produção. Esta estratégia metodológica apoia-se em Bardin, quando este autor estabelece que

> [...] a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção) das comunicações, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 2011, p. 44).

Ao aplicar a análise de conteúdo, estamos propondo a descrição das características comunicacionais e informacionais presentes no processo de produção e circulação de fanzine. Na prática do estudo em questão, esta operação consiste em extrair, do Favo de Fel, as marcas textuais que revelam categorias significativas para a caracterização do modelo de produção de fanzine e as estratégias utilizadas para a circulação de informação no movimento anarcopunk. Ou seja, recolhemos evidências que revelaram tanto o fluxo de informação no contexto

da contracultura quanto à importância do fanzine para o processo de comunicação no âmbito de movimentos contraculturais.

A identificação das categorias se deu, também, a partir da leitura do corpus textual, cotejando os dados recolhidos com a literatura estabelecida pelo estudo. Essa escolha obedece ao critério de pertinência da análise de conteúdo, onde, para Bardin (2011, p. 150), “[...] uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido”. A análise de conteúdo proposta se divide nas etapas descritas a seguir.

#### 3.3.2.1 Pré-análise

A pré-análise é a fase de seleção e estabelecimento dos primeiros contatos com os documentos que serão submetidos à análise de conteúdo. Para Bardin (2011, p.125) esta etapa "[...] é a fase de organização propriamente dita". É a partir desta fase que a análise de conteúdo vai ser conduzida no percurso do estudo. Na prática, a pré-análise envolve a escolha dos documentos que serão analisados e a leitura flutuante deste material.

A leitura flutuante é outra etapa da pré-análise. Esta fase do estudo consiste na leitura dos documentos selecionados com o objetivo de esboçar algumas informações sobre sua estrutura e sobre seus conteúdos. Na leitura flutuante das 10 (dez) edições do fanzine Favo de Fel, alguns indicadores serão coletados de forma preliminar. Esta operação será orientada pelas perguntas: quais as marcas textuais que o Favo de Fel traz que podem inferir sobre seu contexto de produção e circulação? Quais os indicadores presentes no Favo de Fel que indicam seu papel no processo de transmissão de informação dentro do grupo ao qual é dirigido?

O resultado desta etapa será uma série de anotações que orientarão a fase seguinte do estudo, a exploração do material. Estas anotações estabelecerão algumas pistas para a identificação de categorias presentes no corpus textual.

#### 3.3.2.2 Examinando o material

Esta fase da análise de conteúdo propriamente dita é marcada pela análise dos documentos, a partir da identificação sistemática de indicativos textuais que caracterizem a produção e circulação de fanzines no contexto definido no projeto.

Esta operação se dá com base nas categorias pré-identificadas na fase anterior de leitura flutuante e da relação dos dados apresentados pelos documentos com os conceitos e proposições desenvolvidos pela literatura estabelecida no referencial teórico.

3.3.2.3 Inferências e contextualização

Identificadas, no corpus textual, as informações necessárias para responder aos objetivos do estudo, propomos o desenvolvimento da fase de inferência, relacionando as informações reveladas na análise dos documentos aos conceitos desenvolvidos na literatura que forma a plataforma teórica deste estudo. Esta etapa pretende, como produto, a conclusão da pesquisa e a resposta aos objetivos traçados no projeto.

# 4 FANZINE FAVO DE FEL

O fanzine *Favo de Fel* foi uma publicação anarcopunk de autoria de Fábio Rodrigues da Costa, o Rakkoh. Publicado entre os anos de 1994-1996, este fanzine representa a continuação de uma intensa produção que conta com a publicação dos fanzines: *Phobia* (sem data) e passa pelos: *Nervo Exposto* (1991-1992), *Anarchos* (1991), *Boletim Estudantil Libertário* (1992), *Contraponto* (1994) e *O Herege* (1995). Após o *Favo de Fel*, o mesmo autor publicou os fanzines *Veneno* (1999), *Sussuro* (2001), *Hate* (sem data) e *Crudelidade* (finalizado após o falecimento do autor).

O conjunto formado por estas publicações oferece um recorte significativo das estratégias comunicacionais utilizadas pelo movimento anarcopunk para divulgação de suas ideias. A observação da evolução temática denunciada no conteúdo destes fanzines esclarece, igualmente, sobre o percurso realizado pelo movimento para a definição de seus contornos filosóficos e propostas políticas.

A caracterização deste fanzine, a contextualização e importância desta publicação para o movimento anarcopunk serão expostos nos próximos itens. Para isso, dividi esta apresentação em tópicos que foram tomado a priori na realização da análise de conteúdo.

## 5.1 PERFIL BIOGRÁFICO DE UM AUTOR DE FANZINE

No primeiro número do *Favo de Fel*, o autor, em editorial, expõe os objetivos da publicação, contextualizando seu âmbito de alcance e o cenário no qual pretendia legitimar-se. Quando da publicação do primeiro *Favo de Fel*, seu autor já tinha uma vasta produção de fanzines e boletins, porém, é neste onde a orientação punk e anarquista está mais consolidada. Nas publicações anteriores ao *Favo,* ora se manifesta o elemento punk, ora o anarquismo. O termo anarcopunk só aparece uma única vez no fanzine Nervo Exposto (1992), que trazia um manifesto antimilitarista e um texto sobre os perigos do armamento nuclear, referenciando o Movimento Anarco Punk de Santo André.

O autor, na apresentação do primeiro número do fanzine, comunica-se com um grupo de leitores que fazem parte do movimento, colaborando com a ideia de

que este tipo de publicação faz parte do conjunto de trocas simbólicas estabelecidas entre participantes de um grupo. Esta evidência é sinalizada na apresentação que introduz o primeiro número do fanzine:

> Bem, espero que com o surgimento de Favo de Fel eu possa enriquecer, de alguma forma, a imprensa alternativa. Mas, creio eu que, a partir do momento em que vários assuntos são abordados em alguma publicação, principalmente alternativa, onde seus leitores normalmente são subversivos, seu objetivo, ou um dos principais objetivos, não é apenas chamar à reflexão, mas às discussões de tais ou quais assuntos abordados. (FABIO, Favo de Fel, [p. 1]).

Ainda no primeiro editorial, o autor situa a importância do fanzine punk como expressão de anseios particulares e de incômodo com o conformismo generalizado da juventude. Desta forma, demonstra uma mobilização subjetiva em torno do trabalho intelectual do autor de fanzine punk. Neste sentido, diz que, para ele, o fanzine é "[...] a consequência de conhecimento, disposição e caráter individual (ou coletivo) por parte de quem o confecciona" (FAVO DE FEL, [p. 1]). Como todas as outras atividades praticadas pelos indivíduos punks, a confecção e publicação de fanzines resultam de uma disposição crítica em relação à realidade e de uma reação radical direcionada a ela. Neste sentido, Moraes (2010, p. 35) estabelece que:

> O ato de escrever, de compor e de tocar uma música é tomado como uma forma de lidar com o sofrimento não basta abrir-se para receber os afetos, é preciso que, a partir deles, se produza algo. Esse algo é uma forma de olhar que talvez de possa chamar de um olhar punk. O que eu entendo por essa expressão é, então, uma forma crítica de perceber e representar aquilo que estava a sua volta. Crítica não porque seja distanciada, mas porque, pelo contrário, imersa nessa realidade da qual fala, procura vivê-la e senti-la de maneira radical.

No plano da relação subjetiva estabelecida entre o autor e sua produção comunicativa, verifica-se uma motivação especial para desenvolver em si competências informacionais e comunicativas, a partir de um autodidatismo que justifica a produção e circulação do fanzine. O primeiro editorial oferece os termos desta relação quando diz que o objetivo do Favo de Fel é "[..] informar e ser informado! A inteligência não é uma dádiva, pois basta que qualquer indivíduo tenha o interesse de ler e refletir sobre o que está lendo" (FAVO DE FEL, 1994).

Por já ter publicado em torno de 12 números de fanzine, em um período de 4 anos, o autor, com o Favo de Fel, exibe um conhecimento mais especializado dos

elementos básicos de uma publicação. Esta qualidade aplica-se apenas raramente ao universo dos fanzines, onde o amadorismo é uma das marcas mais ressonantes. Uma análise dos conteúdos das publicações anteriores ao Favo de Fel oferece os elementos que explicam desempenho do autor na elaboração deste fanzine. Primeiramente, observa-se que o autor do Favo de Fel era um leitor assíduo de revistas em quadrinho pois, seus primeiros fanzines trazem recortes de uma diversidade de títulos nesse seguimento. Sabe-se, por intermédio de investigações realizadas por Vergueiro [2012], que as histórias em quadrinho são relevantes no desenvolvimento de hábitos de leitura e competências na aquisição de informação. O universo dos HQ's não se restringe à leitura das publicações, ao contrário, transborda os limites da leitura individual, consolidando uma série de práticas comunicativas, de trocas simbólicas e de compartilhamento de anseios entre o público leitor.

Depois, observa-se, como contraponto à leitura de histórias em quadrinhos, a atualização de notícias através de revistas comerciais. Em algumas edições anteriores ao Favo de Fel, o autor chega a divulgar recortes de matérias publicadas na mesma semana de lançamento do fanzine. Além de promover, no autor, uma atualização dos eventos circulados na mídia convencional, permite que outras pessoas, sobretudo entre os leitores de fanzine, tenham contato com estas notícias.

A leitura de histórias em quadrinho e de revistas comerciais podem ter sido cruciais no desenvolvimento das habilidades editoriais e textuais aplicadas no Favo de Fel. Se dermos ouvidos àquilo que ele expressa, por exemplo, no *Boletim Estudantil Libertário* (1992), estas competências não foram desenvolvidas nos programas curriculares das escolas pelas quais passou o autor.

A evolução temática das edições do Favo de Fel, sintetizado nos editoriais, sinaliza a preocupação crescente com os rumos do próprios movimento ao qual é porta voz. Ou seja, ao mesmo tempo em que critica um cenário focado na expressão musical, o autor passa a dedicar cada vez maior espaço à divulgação de textos filosóficos, de autores como E. M. CIoran, A. Schopenhauer, Oscar Wilde, Noam Chomsky, etc. Da mesma forma, o tema da liberdade sexual e do ambientalismo vão sendo cada vez mais explorados. Isto denuncia a evolução dos tópicos em torno dos quais o movimento anarcopunk começaram a girar, ou que constituíram preocupação básica de um grupo de pessoas ligado a este movimento.

Quando o autor passa a criticar, nas últimas edições do fanzine, os rumos tomados pelo movimento anarcopunk, está compartilhando um descontentamento que se dá a partir de de sua posição frente à trajetória vivida dentro do movimento desde as primeiras publicações. Segundo o autor,

> [...] durante certo tempo, muita coisa foi desejada, planificada; acordos e cumplicidades de bom grado... sei que muito havia de mudar, é inevitável (e desejável até), mas, afinal de contas, não foi e não é em si uma mudança, nem mesmo uma ruptura; creio que a palavra apropriada seja interrupção (FAVO DE FEL, p. 3).

Aqui evidencia-se a avaliação retrospectiva do autor quanto ao conjunto de práticas que se desenrolaram a partir dos ideais transmitidos pelo movimento anarcopunk. Desta forma, ao contrário das publicações políticas de esquerda, o punk utiliza esta ferramenta para expor impressões pessoais, as vezes ácidas, sobre o andamento do próprio grupo ao qual faz parte. Ou seja, o fanzine não, neste contexto, é um veículo de transmissão de mensagens planfetárias estranhas à realidade do autor. Dentro dessa perspectiva:

> A escrita do fanzine é, portanto, uma tentativa de refletir sobre aquilo que acontece consigo mesmo. A partir de um "sentimento de explosão" o indivíduo põe-se a escrever para refletir sobre esse mesmo sentimento, assim como sobre aquilo que o provocou (MORAES, 2009, p. 8).

Por fim, a noção de autoria se manifesta, no Favo de Fel, em todos os elementos atribuídos à uma publicação. O autor assina todas as funções técnicas da publicação. Ou seja, o design gráfico, a esolha das matérias, a redação dos artigos, a seleção de conteúdos e a distribuição do material fica sob a responsabilidade do autor. Esta forma de atuação é parte de uma atitude autodidata do indivíduo punk perante à realidade. O Anarquismo preconizado pelo movimento anarcopunk traz, entre outros, discussões em torno na capacidade do indivíduo em desenvolver estratégias eficazes de aquisição de conhecimento sem, necessariamente, preceder da legitimação oficial das instituições de ensino.

## 5.2 MARCAS ESTRUTURAIS E PERFORMANCE COMUNICATIVA

O Favo de Fel, ao promover a circulação de informação no âmbito do movimento punk e anarquista, gera as condições necessárias para o desenvolvimento do grupo do qual é porta-voz. Permite, igualmente, a dinamização de uma rede comunicativa que reforça a sensação de pertencimento entre os indivíduos que atuam no movimento.

O processo de transformação das ideias em informações registradas no formato de fanzine passa por vários procedimentos que vão desde a seleção de conteúdo, passando pela montagem da matriz até a reprodução. Segundo Hugo Leta, “[...] o fanzine tinha uma identidade muito da criação, da montagem, do papel, do cheiro da gráfica, de você montar, desenhar... uma coisa bem underground mesmo” (SNO, 2011, 04:04). O Favo de Fel era, como a maioria dos fanzines publicados nos anos 1990, era confeccionado dentro da perspectiva do artesanato. Os primeiros números trouxeram textos digitados em computador, impressos e montados na matriz de forma artesanal. Todo o conteúdo publicado no primeiro número foi digitado em um programa editor de texto e impresso para montagem da matriz.

A partir do segundo número, todo o processo de montagem e diagramação passou a ser totalmente artesanal. Os conteúdos produzidos pelo autor do fanzine eram datilografados em máquina de escrever, provavelmente uma Royal L-290, recortados e montados na matriz conforme sua concepção gráfica. A composição gráfica era complementada com desenhos e fotos do acervo de imagens do próprio autor.

Com o quarto número do fanzine, inaugura-se uma fase de composição gráfica mais padronizada, contando com o recurso de coloração das capas e versão de bolso. Utilizando uma máquina de escrever especial, a Hermes Baby, que digitava em itálico, o autor datilografava os conteúdos, diminuía o tamanho do texto no fotocopiadora e montava a matriz com pequenos blocos de textos. O resultado material desse processo era um fanzine de bolso, tamanho 15x10,5cm. A capa passou a ser colorida com hidrocor, o que conferia ao Favo de Fel mais uma marca de intervenção artesanal. Sobre essas operações artesanais, Gazy Andraus contextualiza dizendo que “[...] o fanzine possibilita algo muito importante,

principalmente o impresso: a sua criatividade em fazer formatos diferentes” (SNO, 2011, 06:31).

Observando a evolução histórica do projeto gráfico do Favo de Fel, descobrimos que, com a crescente necessidade de fazer circular informação em um grupo em desenvolvimento, o autor priorizou gradativamente a inserção de textos, deixando pouco espaço para a utilização de imagens. Colaborando neste mesmo sentido, a versão de bolso possibilitava a divulgação do fanzine pela metade do valor gasto com a reprodução.

A estratégia de distribuição utilizada pelo autor seguia o modelo adotado pela maioria dos publicadores de fanzine. A garantia de aquisição do fanzine poderia ser realizada mediante assinatura, contratada com o envio de selos postais. Esta estratégia de distribuição de fanzine era reforçadamente incentivada no Favo de Fel. Seu autor garantia que:

> [...] fazer assinaturas de publicações ou informativos Anarquistas ou Punks, além de muito fácil, é barato e muito necessário para que as informações corram o mundo e possam, sempre que possível, contar com a ajuda financeira do próprio meio. Não assine a Veja ou qualquer outra m* institucionalizada, assine uma publicação Anarquista e/ou Punk (FAVO DE FEL, 1996, p. 13).

Este formato de assinatura exemplifica-se na própria seção de resenhas do fanzine, especificando as condições para assinatura de outra publicação: “[...] para assinar o *Resistência e Luta* por 6 meses, basta enviar 12 selos de 1º porte e, para assiná-lo por 12 meses, enviar 24 selos de 1º porte” (FAVO DE FEL, 1996, p. 13). Para ampliar ainda mais a economia de recursos no processo de distribuição da publicação, havia a prática do ‘selo vacinado’ que, segundo Jean Marim, produtor de fanzine punk nos anos 1990, conta que:

> [...] então, a gente botava uma saudável camada de cola em cima do selo. Com isso, o carimbo dos Correios carimbava a cola e não o selo. Quando a carta chegava no destino, o destinatário passava uma esponja com água e... o selo estava pronto para ser reutilizado (SNO, 2011, 14:32).

Estas práticas, mesmo violando algumas disposições lícitas do comercio de comunicação postal, são significativas do programa político do movimento anarcopunk, pois este procura romper com as barreiras que se impõem à livre circulação de ideias e que restringem o ato, fundamental, de comunicar-se.

A utilização dos *flyers* constituía uma estratégia de divulgação dos fanzines. Os *flayers* que segundo Barbara Chiarello era um sistema de divulgação onde uma matriz era composta com vários mini folhetos contendo apenas a marca do fanzine e o endereço de contato. Uma única cópia de uma matriz resultava na reprodução de uns 30 *flyers*, que eram distribuídos em carta, e quem recebia passava adiante, tornando efetiva a divulgação por este meio. Para isso, costumava-se utilizar o serviço postal chamado “carta social”.

Pouco conhecida entre a maioria das pessoas, o serviço “carta social” era a cobrança, por parte dos Correios de R$0,01 centavos para o envio de correspondências de até 10 gramas o envelope. Com o tempo, segundo Jean Marim, os funcionários dos Correios começaram a restringir este serviço apenas às cartas que não continham nenhum tipo de material que não fosse uma folha escrita à mão e, no limite de 10 cartas por dia (SNO, 2011, 16:43). A solução elaborada pelos fanzineiros nos anos 1990, segundo Leonardo Panço, foi utilizar envelopes coloridos para dificultar a identificação do conteúdo das cartas e distribuí-las de forma esparsa entre as agencias dos Correios (SNO, 2011, 17:27).

O Favo de Fel tinha um repertório imenso de contatos no Brasil, na Argentina, na Espanha e em Portugal. Através desses contatos, a distribuição do fanzine escoava em diversos eventos ligados ao movimento anarcopunk ao redor do mundo. Além dos eventos, o movimento punk sempre se utilizou dos espaços públicos para realizar encontros diários entre os participantes com o objetivo de atualizar as informações recebidas no dia, trocar fanzines e consolidar a práticas não convencionais de comunicação exploradas no movimento.

## 5.3 CONTEÚDOS INFORMACIONAIS

Os primeiros números do fanzine Favo de Fel, analisados em seu escopo temático, ampliam nossa percepção sobre as demandas contestadas pelo movimento anarcopunk no contexto de seu surgimento no Brasil. Da mesma forma, os números subsequentes oferecem um amplo panorama da evolução dos objetos de preocupação dos anarcopunks nos anos 1990 e do impacto da produção de fanzine no desenvolvimento do grupo.

O Favo de Fel é um fanzine punk, como seu subtítulo deixa entender: “Fazendo do punk uma ameaça real” (FAVO DE FEL, 1994; 1995 e 1996, p. [1]). O

que tornava este subtítulo o programa básico do fanzine era seu compromisso com o Anarquismo. Na época, a ligação do movimento punk com o Anarquismo já estava disseminada em vários Estados do país. Porém, as primeiras investidas mais consistentes de sistematização de ideias se deram em paralelo aos primeiros lançamentos do Favo de Fel. A sincronia manifestada entre os primeiros números do fanzine com as primeiras ações do movimento anarcopunk é anunciada no conteúdo das matérias publicadas nesse contexto. Tratava-se de colaborações realizadas por integrantes do Movimento Anarco Punk (MAP) de Florianópolis, São Paulo e alguns estados do nordeste. Relatando ações e atividades do movimento que contavam, as vezes, 10 indivíduos participantes.

Nos números lançados nos anos seguintes, vemos relatos de atividades mais amplas, contando com manifestações, oficinas e encontros com mais de 100 indivíduos. Este crescimento quantitativo, manifestando-se gradualmente nos relatos publicados, instrui quanto à importância do Favo de Fel na circulação de informação no âmbito de um movimento que crescia gradativamente.

Por meio de uma linguagem simples, o primeiro número do fanzine expõe um projeto de ambições expressivas pessoais e de contribuição mais ampla no desenvolvimento do cenário ao qual se insere. Expõe, de forma autoral, uma lucidez política quanto ao papel do fanzine, quando diz que está mobilizado na busca de:

> [...] discussões como objetivo e incentivo não apenas à imprensa alternativa, mas também a quem possa interessar, onde posso exercitar a escrita sob meu eu e, através de minha percepção, editar o que acho necessário (FAVO DE FEL, 1994, p. [5]).

Por meio do fanzine, os participantes do movimento tinham contato com informações sobre o movimento anarquista em diversos países, por meio de artigos traduzidos pelo próprio autor do Favo de Fel. Estes conteúdos se disseminavam prioritariamente na troca de correspondência entre ativistas do mundo inteiro e a divulgação dessa informação nos fanzines era uma forma efetivamente operacional de difundir aquilo que estava sendo realizado no campo das atividades anarquistas em outros países. Estas informações funcionavam como um contraponto às notícias vinculadas na grande mídia sobre as ações dos anarquistas na Grécia, em Seattle, na República Tcheca, etc.

Era por intermédio dos fazines onde os fatos relacionados às manifestações e ações do grupo poderiam ser conhecidos sem o filtro tendencioso dos

comunicadores das grandes agências de comunicação. Em uma época onde o acesso a internet ainda era precário, o movimento anarcopunk como outros grupos políticos, estabeleciam estratégias habilidosas para impor a necessidade de aquisição de informação. Esta forma de atuação, aproxima, de forma mais consistente, os fanzines da comunicação popular, pois:

> A comunicação popular tem, em geral, um conteúdo essencialmente crítico. Ou seja, julga-se a realidade concreta, local ou mais abrangente, tanto em nível de denúncia descritiva quanto de interpretação ou de opinião, levantando reivindicações, apelando à organização e a mobilização popular, apontando para a necessidade de mudanças (PERUZZO, 1998, p. 156).

A partir do terceiro número do Favo de Fel, o conteúdo parece se diversificar, expressando a ampliação de temas em pauta no movimento anarcopunk. Textos críticos à eventos isolados ocorridos no movimento dão lugar à divulgação de textos sobre saúde, sexualidade, alimentação e filosofia. Os temas clássicos atribuídos ao movimento punk como serviço militar obrigatório, guerra, consumismo e outros são tratados de forma periférica. Esta evolução temática acontece em consonância à aproximação do movimento anarcopunk com os movimentos ligados à diversidade sexual, grupos de defesa dos animais, etc.

No período houve uma ampliação nas fontes de informação utilizadas pelos anarcopunks.Desta forma, não eram apenas os fanzines que interessavam ao grupo. Também, não eram apenas as questões básicas colocadas pelo Anarquismo que constituíam o grupo de interesse dos participantes do movimento. Aqui, verifica-se uma relativa abertura a outros tipos de música e outras linguagens anteriormente pouco valorizadas, como o cinema, a poesia, o romance, os ensaios existencialistas, os movimentos de vanguarda artística, etc.

A necessidade de articulação financeira para apoiar as publicações independentes também é colocada nos últimos números do fanzine. Isso demonstra uma preocupação em alargar o alcance de distribuição do Favo de Fel. No mesmo período, começa a ser divulgado no Brasil alguns fanzines anarcopunks dos EUA e Europa que eram subsidiados por pequenas atividades comerciais desenvolvidas por coletivos organizados em torno do movimento. Estes fanzines apresentam qualidade gráfica superior à média dos fanzines publicados nesse contexto. Pode

ser que o impacto dessas publicações tenha incentivado o Favo de Fel a divulgar matérias sobre a necessidade de apoio financeiro às publicações independentes.

Ao cotejarmos os conteúdos transmitidos pelos últimos números do Favo de fel com os fanzines publicados posteriormente pelo autor, encontramos um panorama filosófico que revela as transformações vividas pelo autor. Este panorama é formado por uma linha editorial que parte do programa político do Anarquismo, passa pela reflexão em torno da sexualidade e dos direitos da mulher e, em última instância reflete uma visão ácida e poética do mundo. Os últimos fanzines resultam das experiências acumuladas desde o *Boletim Libertário Estudantil* até o Favo de Fel.

Os conteúdos registrados nos fanzines posteriores ao Favo de Fel revelam, apesar de toda a realidade atroz que envolve o punk, uma esperança de que este movimento se desenvolva como um comportamento diferenciado em relação à padronização de conduta denunciada em todas as publicações do autor. Ao atualizarmos todos os anseios implícitos nos conteúdos do Favo de Fel e ao projetarmos como pano de fundo as últimas manifestações no campo dos direitos da mulher e da diversidade sexual e as reivindicações sociais sem vínculo partidário, descobrimos que o Anarquismo multifacetado do autor foi se disseminando silenciosamente na sociedade civil.

## 5.4 UM ARAUTO ACRATA

> *As praias e as restingas, as serras e as matas nos chamavam, enviando-nos a sua mensagem naquele trrriii insistente que saudava o Sol e o calor. E assim acostumei-me a ver nas cigarras arautos da liberdade e da alegria. (Vivaldo Coaraci, 91 Crônicas Escolhidas)*

Foi no âmbito do processo de abertura política operada no Brasil a partir dos anos 1980 que o punk surge no país. O momento foi marcado, entre outros, pelo reconhecimento das organizações que foram colocadas na clandestinidade no período do regime militar. No momento em que a sociedade celebrava esse processo, outros grupos surgiam, reivindicando outras necessidades. O Favo de Fel o porta-voz de um desses grupos, atuou fundamentalmente no desenvolvimento e na preservação da memória do movimento que representava.

Para os indivíduos que atuam em movimentos contraculturais, a produção de fanzine, como atividade de comunicação popular,

> [...] representa uma conquista muito expressiva para os setores que dela se servem, num amplo processo político-educativo de uma população sem tradição de participar, de forma igualitária, nas decisões que a afetam e, ainda por cima, impedida de se reunir, se expressar, denunciar, reivindicar e interferir durante mais de duas décadas de regime militar autoritário (PERUZZO, 1998, p. 158.).

O movimento anarcopunk, ao coadunar os ideais de autogestão propalados no Anarquismo com as trocas simbólicas radicais do punk, ocupa o locus periférico da contracultura, assumindo práticas sociais promovidas às margens dos padrões sociais vigentes. O fanzine, como demonstra o Favo de Fel, cumpre as funções informacionais e comunicativas necessárias para consolidar os contornos do movimento e reduzir as limitações impostas pelas injustiças denunciadas pelo grupo. Com relação ao papel do fanzine no contexto do punk, podemos aferir que ele é,

> [..] sobretudo, uma das armas com as quais se luta. E isso de várias maneiras. Em primeiro lugar, as reflexões sobre as formas de vida de nossa atualidade, seja na forma de narração de experiências pessoais ou não, funciona como um modo de transformar em acontecimento, em contingência, tudo isso que acostumamos a viver como necessidade (MORAES, 2009, p. 8).

A produção de fanzine, que poderia ser visto como a simples necessidade de comunicar uma mensagem, tem, no movimento anarcopunk, seu perímetro de alcance ampliado. Primeiro porque, o autor do fanzine também sofre o processo da aquisição de informação, na medida em que, para compor um fanzine, com recortes de outras publicações e colaborações de leitores, ele acaba desenvolvendo a competência em aquisição de informação. Diferentemente de um autor de livro que, a priori, basta querer transmitir uma mensagem e ter os meios para que estas mensagens sejam transmitidas.

Quanto à circulação de informação no movimento anarcopunk, o fanzine Favo de Fel colaborou no sentido de promover discussões em torno da própria definição do movimento, diferenciando-o da imagem deixada pelo movimento nos anos 1980. Este processo de formação conceitual e a participação ativa dos punks não ocorreram na década de 1980 no movimento punk. Naquele momento, a grande mídia aproveitou a oportunidade para lançar uma imagem sensacionalista e

preconceituosa em torno do movimento, enquanto, por outro lado, os próprios punks não tinham desenvolvido mecanismos mais efetivos para se proteger ao assédio conservador da grande mídia. É neste sentido que o Favo de Fel colaborou na formação da identidade do movimento anarcopunk. Como comunicação popular, este é uma das funções do fanzine no contexto dos movimentos sociais (PERUZO, 1998).

Os conteúdos veiculados no fanzine anarcopunk, a relação dialógica estabelecida entre os textos, o autor e os leitores, propõe uma postura crítica não apenas em relação à realidade social, mas, fundamentalmente, em relação à própria prática da comunicação. Neste jogo de interações, o individuo adquire a habilidade de ampliar sua leitura crítica sobre sua própria condição, sobre suas possibilidades, seu comportamento, etc. Não se trata apenas da necessidade de por para fora as angustias, mas de aprender a comunicá-las de forma coerente. Nesta direção, podemos estabelecer algumas funções do fanzine para o indivíduo e o movimento punk, compactuando com a ideia de que:

> O fanzine é uma produção que ocupa uma posição singular entre as formas pelas quais o punk se manifesta; não se trata mais apenas da embriaguez e da catarse das bebedeiras, das aparições públicas e dos shows, do choque que sua aparência provoca nas pessoas; se essas práticas rompiam com a rotina sufocante e, ao mesmo tempo, contestavam as formas de excitação passiva das sociedades contemporâneas, inventando outras formas de sociabilidade e outras maneiras de viver o tempo através dos excessos e das paixões vividas no próprio corpo, o fanzine é, por outro lado, o ato de dar sentido a um sentimento, uma atitude sóbria, racional e reflexiva de criar significados a partir de uma "explosão"; uma explosão que agora aparece como aquilo que deve ser trabalhado em si e não mais como objetivo da ação (MORAES, 2009, p. 7).

A publicação de conteúdos que não seriam divulgados nos meios de comunicação fundados e mantidos na lógica dos grandes meios de comunicação cumpre também o papel de preservação da memória. Inexistentes os esforços aplicados pelos publicadores de fanzines, estas leituras dos fatos estariam comprometidas e a realidade seria o registro ofertado pelas grandes agências de comunicação. Neste sentido, entre o movimento anarcopunk e os fanzines, está

fixado um vínculo operacional necessário para a preservação da memória do movimento. Como comunicação popular, estes esforços,

> [...] ao documentar decisões, programas e fatos relacionados com os processos de organização e de lutas dos movimentos, concorre para registrar a história dos seguimentos subalternos (PERUZZO, 1998, p. 157).

Por fim, todos os agentes envolvidos no universo dos fanzines no contexto de movimentos sociais, amenizam, com as práticas alternativas de comunicação, a limitação de acesso à informação promovida pela lógica mercantilista da grande mídia. Com isso, amplia o acesso à cidadania, através de procedimentos realizados à margem da esfera de atuação dos governos e das instituições oficiais de legitimação do conhecimento.

No momento em que se mobiliza na transmissão de informação e toma esta atividade não como uma fonte de lucro, mas como forma de ativismo político, o autor de fanzine reconstrói a noção de agente da comunicação, na medida em que não representa nenhuma instituição comercial ligada à transmissão de informação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1991, o programa Matéria Prima, da TV Cultura, convida alguns punks para falar de um fenômeno recente: o movimento anarcopunk. Nesta ocasião, revelava-se ao grande público o início de um movimento que se diferenciava do fenômeno que caracterizou o punk nos anos 1980. Por outro lado, esse novo movimento se desenvolveu, mais tarde, às margens do espetáculo midiático dos *caras pintadas.* No âmbito dos movimentos sociais, o fenômeno se diferenciou e se opôs às organizações dominadas por elementos dependentes dos partidos políticos. Todas essas características atribuídas ao movimento anarcopunk apontaram uma realidade que, hoje, é tida como corrente entre grupos que reivindicam a diversidade sexual, direitos às ciclovias, independência em relação aos partidos políticos e uma desconfiança constante em relação ao Estado.

Ao longo dos anos 1990, o movimento anarcopunk se consolida por meio de uma série de práticas comunicativas e informativas onde o fanzine constituiu uma das ferramentas de destaque. A produção e circulação de fanzine garantiram ao movimento as os dispositivos necessários para a realização de trocas simbólicas e de construção da memória, independentes dos imperativos da indústria cultural. O Favo de Fel, nesse contexto, indica alguns aspectos relevantes para o entendimento do papel do fanzine no seio de um movimento social.

A capacidade do fanzine de mobilizar fluxos informacionais consistentes foi observada na análise do Favo de Fel. Para que as informações circulem em determinados grupos sociais é necessário que as pessoas que neles atuam, desenvolvam competências na aquisição e transmissão de informação. Ao observarmos a disseminação e o impacto das ideias transmitidas pelos anarcopunks desde seu surgimento até a atualidade, verificamos a relevância e eficiência das estratégias comunicacionais desenvolvidas por este grupo.

Estabelece, igualmente, a partir da observação do fenômeno do fanzine no movimento anarcopunk, a relevância entre práticas comunicacionais e informacionais no contexto dos grupos sociais e políticos. O principal fator na fixação das interligações entre os tópicos comunicação, informação e práticas socioculturais

é, no contexto desse estudo, a motivação coletiva pela possibilidade de construção de narrativas sociais. Esta motivação transformou um fenômeno cultural em um movimento sociopolítico atualizado.

No âmbito da memória social, o movimento observado nesse estudo, se desenvolveu às margens das instituições que legitimam as práticas culturais, registrando de forma autônoma sua história, seu desenvolvimento e os problemas enfrentados na construção de sua identidade. Dentro dessa perspectiva, desenham-se os esforços praticados para o exercício de cidadania, que significa aqui, não o reconhecimento oficial do grupo e dos indivíduos dentro de categorias legítimas de cidadãos, mas o direito ao exercício da diversidade de práticas sociais e culturais. O grupo anarcopunk utilizou, no período estudado, a ação direta como a reivindicação desses direitos, questionando mesmo as noções dominantes em torno da cidadania.

Este estudo introduz, com a sua delimitação temática e os resultados obtidos, um terreno fértil para o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas sobre o papel das publicações independentes no contexto dos fenômenos sociais. E um âmbito mais amplo, propõe um ponto de partida para a realização de investigações mais detalhadas a respeito da competência informacional e sua relação com práticas culturais não convencionais.

Os procedimentos comunicacionais realizados na produção de um fanzine têm forte marca autoral e artesanal. Todos os processos realizados na confecção de um fanzine envolve a participação do autor, que realiza ele mesmo as funções de seleção, avaliação e montagem dos artigos. Esta relação estabelecida entre autor e publicação torna híbrida a classificação tipológica do fanzine. Ou seja, ora ele se aproxima do artefato livro, outra ele se assemelha com os processos realizados na produção de periódico.

Em relação às estratégias comunicativas estabelecidas na publicação de fanzine, tem-se que as formas de circulação de informação, nesse contexto, arrolam-se por canais estranhos aos meios de comunicação convencionais. Primeiramente, o fanzine se diferencia de outras publicações, pois a sua circulação e divulgação se dá entre grupos que compartilham determinadas práticas culturais. Depois, pelo caráter quase confidencial das informações transmitidas no fanzine, sua divulgação

acompanha a consecução de determinados anseios particulares a grupos específicos. Por outro lado, determina a efetiva possibilidade de circulação de informação de forma autônoma, na medida em que mobiliza-se em espaços independentes de comunicação e circulação de informação.

Quanto aos conteúdos transmitidos pelos fanzines anarcopunks, verifica-se que, nos anos 1990, foi-se desenvolvendo o conjunto de tópicos temáticos que formaram a estrutura de reivindicações deste movimento na atualidade. Neste sentido, o fanzine foi decisivo como uma ferramenta informacional que propulsionou a formação de identidade deste movimento. Ao longo dos anos 1990, o movimento anarcopunk foi reunindo, através da publicação de fanzine, o escopo de reivindicações atribuídas ao grupo. Justifica-se, nessa realidade, a relevância do fanzine nos processos dinâmicos responsáveis pela formação de grupos reivindicatórios.

Por fim, devido às limitações surgidas em torno do acesso à diversidade de documentos para análise, não foi possível desenvolver inferências de alcance mais amplo. Ao delimitarmos a análise de um título de fanzine anarcopunk para o entendimento da importância dessa ferramenta para o movimento, reduzimos a análise, inevitavelmente, à um contexto bem mais específico. Ou seja, trata-se do movimento anarcopunk na forma como ele se manifestou na atuação de um autor de fanzine na cidade de São Paulo, nos anos 1990. Ao longo da investigação que propus, estive atento para as limitações impostas por este fator.

## REFERÊNCIAS


ANDRIEU, Irène. **La France marginale**. Paris: Albin Michel: 1975.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAPARELLI, Sérgio. A imprensa alternativa revisitada. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 1986.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa**: jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995.

COGO, Denise Maria. Rádio popular e mediações culturais. In: Comunicação e culturas populares. São Paulo: Intercom, 1995. p. 45-59.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERNANDES, Millôr. **Entrevista com Millôr Fernandes no Vitrine**. 1990. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=l7tIX8kSmD0>. Acesso em: 24 jun. [1990].

FERREIRA, Maria Nazareth. **Cultura, comunicação e movimentos sociais**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.

**LETRASET**. Rio de Janeiro: LBAL: 1977.

LUNA, Pedro de. **Fanzines como imprensa alternativa**: o caso de SHAPE A. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/FANZINES%20COMO%20IMPRENSA%20ALTERNATIVA.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2013.

MAGALHÃES, Henrique. **Fanzine**: comunicação popular e resistência cultural. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/18121>. Acesso em: 4 jun. 2013.

_____.**O que é fanzine.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **A mutação radical dos fanzines**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/23855420395572684142017768791080460345.pdf> Acesso em: 3 jun. 2013.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAES, Everton de Oliveira. A escrita como guerra: sensibilidade e biopoder nos fanzines punks. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLÍTICA, 1., 2009, Curitiba, **Anais eletrônicos**... Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIII/escrita-guerra-Everton-Moraes.pdf> Acesso em: 30 ago. 2013.

MORIGI, Valdir. Cultura popular e indústria cultural, produção e apropriação de sentidos: as narrativas da festa junina. In: **Comunicação e práticas culturais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 27-44.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. Fanzines e posicionamentos discursivos: entre o antigo e o moderno. **Entrelugares**: Revista de sociopoéticas e abordagens afins, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. [1-9], mar./ago. 2010. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/antigo/numero4/artigos/cellina.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

NEGRI, Ana Camilla. **Quarenta anos de fanzine no Brasil:** o pioneirismo de Edson Rontani. 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33397517009226686802074911246237676525.pdf> Acesso em: 3 jul. 2013

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. Vive a imprensa alternativa. Viva a imprensa alternativa! In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo L. da (Org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 53-79.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Comunicação e cultura populares**. São Paulo: INTERCOM, 1995.

_____. **Comunicação e multiculturalismo**. São Paulo: Manaus: INTERCOM, 2001.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. As brechas da indústria cultural brasileira. Viva a imprensa alternativa! In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo L. da (Org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 31-52.

VALENCIA, Marie-Thérèse Naudon. **Fanzines en France**. [Paris]: Paris 7, 1988.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos em sala de aula**: Waldomiro Vergueiros fala de alternativas na escola- Pocket News L&PM web tv. 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sZii0WJg0pY> Aceso em: 20 set. 2013.

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**: v. 1 A ideia. Porto Alegre: L&PM, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAVAM, Aurea Suely. Fanzine: a plurivalência paratópica. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 9-28, jan./abr. 2006.

**ANEXO 1- Estrutura gráfica do Favo de Fel- o título**

Catálogo de tipos da LETRASET exemplificando a tipografia do Favo de Fel

A *Time Bold Italic* é uma fonte tipográfica da família *da Times New Roman*. Sua principal característica é a existência de pequenos prolongamentos que ocorrem no fim das hastes das letras, chamadas de serifas. Esta fonte foi criada em 1931, para utilização no jornal inglês *The Times os London,* desenhada nas oficinas do próprio jornal.

A partir do início dos anos 1992, esta fonte foi incorporada pela Microsoft Windows 3.1 nos aplicativos de navegação e processamento de texto. O primeiro número do Favo de Fel foi produzido em um programa de editoração computadorizado, enquanto os números seguintes foram produzidos em máquinas de escrever.

**ANEXO 2- Exemplares e flyers do Favo de Fel**

ANEXO 3- Fábio Rakkoh produzindo o Favo de Fel